

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)**

TATHIANE AMARAL MARQUES

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO BIBLIOTECONÔMICO
INFORMACIONAL A PARTIR DOS ANAIS DE EVENTOS CIENTÍFICOS DOS
ANOS 1970**

Rio de Janeiro

2016

TATHIANE AMARAL MARQUES

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO BIBLIOTECONÔMICO
INFORMACIONAL A PARTIR DOS ANAIS DE EVENTOS CIENTÍFICOS DOS
ANOS 1970**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

Rio de Janeiro

2016

M357p

Marques, Tathiane Amaral

A produção do conhecimento biblioteconômico
informacional a partir de anais de eventos científicos dos anos
1970 / Tathiane Amaral Marques. – 2016.

65f.

Orientador: Gustavo Silva Saldanha

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Biblioteconomia)- Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

1. BIBLIOTECONOMIA. 2. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.
3. ANAIS I. Saldanha, Gustavo Silva II. Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 011.09047

TATHIANE AMARAL MARQUES

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO BIBLIOTECONÔMICO
INFORMACIONAL A PARTIR DOS ANAIS DE EVENTOS CIENTÍFICOS DOS
ANOS 1970**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Biblioteconomia da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Biblioteconomia.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Naira Christofolletti Silveira (Membro interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alberto Calil Jr. (Membro interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

À minha família pelo apoio incondicional sem o qual eu
jamais teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Carlos Eduardo e Maria Cristina, pelo total apoio dado quando decidi me dedicar integralmente à Biblioteconomia. Ao meu irmão Nico, pelo exemplo de integridade e por confiar nas minhas escolhas, me amparando. Obrigada pelo amor de vocês.

A Rodrigo Oliveira, por me incentivar e me mostrar que eu podia mais, que ainda estava em tempo de buscar novos sonhos. À minha madrinha Márcia, pelo exemplo de profissional e ser humano. Ao meu primo Marcelo pelo braço estendido todas as vezes que precisei. À Juliana Campello, por ser a melhor amiga-irmã que alguém poderia ter nessa vida.

Ao meu orientador e professor, Gustavo Silva Saldanha, por sua paixão pela pesquisa e pela Biblioteconomia e por me apresentar a Ciência da Informação com tanto amor. Pela paciência e dedicação com que me atendeu sempre que precisei.

Aos queridos professores Fabiano Cataldo, Carlos Ferreira, Alberto Calil Jr., Naira Silveira e Eduardo Alentejo, por todo o apoio e carinho dispensados a mim. Em especial, agradeço ao Ribamar por toda a sua disposição em ajudar e me ouvir. Aos amigos maravilhosos que encontrei por esse caminho universitário, Tiago César, Eva Medvedef, Juliana Chagas, Lucas Bezerra, Jessica Caires Ramos, Isabela Pinto, Jayme Pinho e Poliana Teixeira.

Ao Pré-Vestibular Comunitário Ganga Zumba, sem o qual jamais teria conseguido ingressar em uma faculdade pública depois de tantos anos sem estudar. Pela preocupação e amor dedicados a tantas pessoas, aqui representados por Ana Paula Kühner, Yann Nunes, David Augusto e Chicão. Espero poder retribuir em breve.

Ao meu time de afilhados maravilhosos, Nathália, João Arthur, Luisa, Arthur e Heitor. À Rute Espíndola, Mônica Hallais, Luana de Jesus, Liane Paixão, Wellington Flavio e Carolina Elvas pela amizade incondicional e por entenderem todas as minhas ausências. Às bibliotecárias da Defensoria Pública, Miranilza e Gerlaine, pelo maravilhoso encontro no início dessa minha trajetória.

Agradeço ainda à Débora Aleixo e João Lucas. Sem eles esse trabalho jamais teria ficado pronto. Pela paciência e apoio, muito obrigada!

Finalizando, agradeço a Deus pela oportunidade diária e aos meus avós Ruth, Nilton e Stella (*in memoriam*) pelo exemplo de carácter e dignidade enquanto aqui estavam.

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
(dor não é amargura).
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.*

(Adélia Prado)

RESUMO

O presente trabalho é o resultado de estudos feitos a partir do conteúdo científico produzido na Primeira Reunião Brasileira de Ciência da Informação, realizada pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia, em 1975. Sua principal função é descobrir se o que foi produzido e apresentado nos primeiros eventos científicos da área de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, contribuíram para a produção do conhecimento biblioteconômico no país. Dá especial destaque aos anais oriundos desses encontros. A pesquisa, cujos resultados aqui se apresentam, enfoca aspectos históricos, desde a criação das primeiras escolas profissionalizantes de Biblioteconomia, até o surgimento da sua primeira pós-graduação, com o intuito de resgatar outras fontes de conhecimento que pudessem embasa-la. Revisa os primeiros anais da Biblioteca Nacional, buscando informações que possam ser úteis no resgate da história da Biblioteconomia. Apresenta uma abordagem do tipo descritiva, explorando livros, revistas científicas, teses, sites e relatórios de pesquisas, que ofereceram suporte na definição e resolução da problemática. Após exposição do material analisado, conclui-se que além de contribuir para a produção do conhecimento, a avaliação positiva dessas publicações, autenticam a história, promovendo a recuperação do conhecimento gerado em cada época e o seu valor na sociedade.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Ciência da Informação. Anais. Eventos Científicos

ABSTRACT

The present work is the result of studies made from the scientific content produced in the First Brazilian Meeting of Information Science, carried out by the Brazilian Institute of Bibliography, in 1975. Its main function is to discover if what was produced and presented in the first scientific events Of the area of Library Science, Documentation and Information Science, contributed to the production of library knowledge in the country. It gives special attention to the annals from these meetings. The research, whose results are presented here, focuses on historical aspects, from the creation of the first vocational librarianship schools, until the first postgraduate studies began, with the intention of retrieving other sources of knowledge that could support it. It reviews the first annals of the National Library, seeking information that may be useful in rescuing the history of Librarianship. It presents a descriptive approach, exploring books, scientific journals, theses, websites and research reports, which provided support in the definition and resolution of the problem. After exposing the material analyzed, it is concluded that besides contributing to the production of knowledge, the positive evaluation of these publications, authenticate the history, promoting the recovery of the knowledge generated in each era and its value in society.

Keywords: Librarianship. Information Science. Annals. Scientific Events

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Capa dos anais do 3º Congresso Regional sobre Documentação e 11ª Reunião da FID/CLA (1971)	34
Figura 2	- Capa dos anais da Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica (1976)	35
Figura 3	Página de acesso ao BENANCIB	37
Figura 4	- Busca de trabalhos apresentados	37
Figura 5	- Capa do volume 1 da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação	41
Figura 6	- Folha de rosto do segundo volume	42

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1	- Informações sobre publicações	41
Tabela 2	- Temas	43
Quadro 1	- Artigos analisados	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAB	Associação dos Arquivistas Brasileiros
ABI	Associação Brasileira de Imprensa
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
BENANCIB	Repositório digital dos trabalhos apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação
BIREME	Biblioteca Regional de Medicina
BN	Biblioteca Nacional
C&T	Ciência e Tecnologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
CAPRE	Comissão das Atividades de Processamento Eletrônico
CBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CBPF	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
CDU	Catálogo Decimal Universal
CENAFOR	Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para Formação Profissional
CET	Centro Estadual de Tecnologia
CIN	Centro de Informações Nucleares
CNEN	Comissão Nacional de Energia Nuclear
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COBRA	Computadores e Sistemas Brasileiros
DASP	Departamento Administrativo de Serviço Público
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
ENEBD	Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia e Documentação
EUA	Estados Unidos da América
FAPERJ	Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários
FEFIEG	Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FID	Federação Internacional de Documentação
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ICT	Informação em Ciência e Tecnologia
IEA	Instituto de Energia Atômica
IME	Instituto Militar de Engenharia
INL	Instituto Nacional do Livro
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
INT	Instituto Nacional de Tecnologia
IPR	Instituto de Pesquisas Rodoviárias
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas
ISI	Institute for Scientific Information
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online

NLM	Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos
OEA	Organização dos Estados Americanos
PLA	Portal do Livro Aberto
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RD	Repositório digital
REBAM	Rede de Bibliotecas da Amazônia
SUCESU	Associação dos Usuários de Informática e Telecomunicações
SUDAM	Superintendência do Estado da Amazônia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USIMINAS	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.2	OBJETIVOS.....	17
1.3	JUSTIFICATIVAS.....	17
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO.....	18
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
3	PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA	20
3.1	DO NASCIMENTO DA FORMAÇÃO BIBLIOTECONOMICA À PÓS-GRADUAÇÃO.....	22
3.2	DA PÓS GRADUAÇÃO AOS DIAS ATUAIS.....	27
3.2.1	Do IBBD ao IBICT.....	29
3.2.2	O primeiro curso de Mestrado em Ciência da Informação.....	30
4	ENCONTROS CIENTÍFICOS E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	31
4.1	OS EVENTOS NA ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA.....	31
4.2	FONTES PARA IDENTIFICAÇÃO DE EVENTOS CIENTÍFICOS.....	34
4.2.1	Os anais.....	34
4.2.2	Os repositórios digitais.....	37
5	AS PRIMEIRAS PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS A PARTIR DA BIBLIOTECA NACIONAL: OS ANAIS DE 1876 E 1915	39
6	RESULTADOS	42
6.1	OS ANAIS DE 1978.....	45
6.2	INFRA-ESTRUTURA.....	47
6.3	ESTRUTURA	48
6.4	ORGANIZAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, DISSEMINAÇÃO E UTILIZAÇÃO.....	50
6.4.1	Organização e administração.....	50
6.4.2	Disseminação.....	51
6.4.3	Utilização.....	52
6.5	TECNOLOGIA.....	54

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	60
	APÊNDICE A - RELAÇÃO DE AUTORES E SUAS PUBLICAÇÕES NOS ANAIS DE 1975.....	62
	APÊNDICE B - RELAÇÃO DE INSTITUIÇÕES PRESENTES EM PUBLICAÇÕES NOS ANAIS DE 1975.....	65

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz um levantamento dos principais eventos ocorridos nos anos 1970 na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Para isso, a pesquisa utilizou-se dos anais históricos gerados a partir desses encontros, tendo como foco principal o que foi produzido na primeira Reunião em Ciência da Informação, promovida pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), em 1975.

Da especial destaque às mudanças ocorridas na área biblioteconômica, analisando esses produtos científicos. É a partir da opinião e visão de profissionais atuantes em cada época estudada, que apresentaremos as discussões que caminhavam junto a criação dos primeiros cursos profissionalizantes até a realização dos primeiros congressos e a criação do IBBB.

Para nortear a nossa pesquisa partimos da questão: o que foi produzido e apresentado nos primeiros eventos científicos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, contribuiu para a produção do conhecimento biblioteconômico no país?”.

Como ponto de partida, foram feitas consultas aos primeiros anais da Biblioteca Nacional, através do repositório digital da biblioteca e também visitas ao local para análise presencial dessas publicações. Quanto aos anais de 1978, resultado da reunião de 1975, tivemos dificuldades em analisa-los virtualmente pelo site do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência (IBICT), pois os dois volumes estavam incompletos. Importantes páginas de artigos pré-selecionados para análise e até mesmo o próprio sumário não foram disponibilizados integralmente. Por esse motivo, se fez ainda mais necessária a consulta presencial a estas publicações.

Foram analisadas diversas obras referentes ao nascimento do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a criação dos primeiros cursos de pós-graduação, incluindo as primeiras publicações da área e seus principais pesquisadores até então.

Em um primeiro momento, apresentaremos o surgimento da Biblioteconomia no Brasil e a produção do conhecimento que passou a ser gerada. Abordaremos as contribuições de Benjamin Franklin de Ramiz Galvão e Manoel Cícero Peregrino da Silva, diretores da Biblioteca Nacional, até a criação dos primeiros Cursos de Biblioteconomia e a necessidade de se ter profissionais qualificados.

Autores como Castro, Souza, Fonseca, Sambaquy, Robredo, Le Coadic, Campello, entre outros, e os seus fundamentos teóricos de pesquisas e trabalhos científicos, serviram como embasamento para a fundamentação e desenvolvimento do presente trabalho.

Como resultado final, apresentaremos a análise dos dois volumes da primeira Reunião em Ciência da Informação, organizada pelo IBBB. A publicação foi dividida em dois volumes

e lançada 3 anos após a sua realização, com o instituto já consolidado como IBICT. Nessa seção foram quantificados os artigos, autores, posição geográfica e as Instituições atuantes.

Com o interesse de melhorar a apresentação dos anais da 1ª Reunião, trazemos ao final o índice de autores, quantidade de artigos publicados, instituição e localidade.

1.2 OBJETIVOS

Este texto tem como principal objetivo analisar o conteúdo científico da primeira Reunião em Ciência da Informação, realizada pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação em 1975.

Para que o objetivo principal fosse alcançado, se fez necessário traçar os seguintes objetivos específicos:

- a) apresentar o nascimento dos primeiros cursos de Biblioteconomia e pós graduação;
- b) refletir sobre a criação do IBBD até a sua transformação em IBICT;
- c) analisar a importância dos demais eventos científicos da área de Biblioteconomia e Documentação;

1.3 JUSTIFICATIVAS

A justificativa para se abordar esse tema no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Escola de Biblioteconomia, foi poder contribuir com a área, apresentando a produção do conhecimento biblioteconômico, antes mesmo da criação do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil.

Por fim, uma outra justificativa, essa de cunho pessoal, se deve ao fato de ter participado de muitos eventos de Biblioteconomia, tendo essa experiência despertado o interesse em conhecer os primeiros grandes eventos profissionais da área.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Para que os objetivos pudessem ser alcançados, foram selecionados relatórios, artigos e apresentação de trabalhos dos seguintes anais:

- 1876, Biblioteca Nacional
- 1915, Biblioteca Nacional
- 1978, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT

A autoria foi analisada em termos de seu caráter único ou múltiplo, da frequência do número de autores e das autorias intra e extra departamentais. No caso dos anais de 1876 e 1915, por estarem entre as primeiras produções bibliográficas da Biblioteca Nacional, selecionamos informações relevantes para o período e que contribuíram, de alguma forma, para o entendimento da criação do Curso de Biblioteconomia e da época que se vivia.

O trabalho está estruturado em seis seções, sendo a primeira a sua apresentação, contendo os objetivos, a justificativa da pesquisa e a sua estrutura.

A segunda seção aborda os procedimentos metodológicos utilizados e os tipos de pesquisas que o estudo compõe.

Na terceira seção, apresentamos o nascimento da Biblioteconomia como campo específico do conhecimento, a fundação da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro em 1810 e as primeiras contribuições no campo da produção biblioteconômica. É também nessa seção, que abordaremos a criação dos primeiros cursos profissionalizantes até o surgimento da primeira pós-graduação.

Na seção quatro, discorreremos sobre os eventos científicos e a sua importância para todas as áreas do conhecimento. Destacando os anais como fonte para identificação desses eventos. Apontaremos também os repositórios digitais específicos existentes.

Na quinta seção encontra-se uma análise feita a partir dos primeiros anais da Biblioteca Nacional. Na sexta seção, apresentamos o resultado das pesquisas feitas aos dois volumes dos anais da primeira Reunião Brasileira em Ciência da Informação.

Na última seção apresentamos as considerações finais, seguida das referências e apêndices.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como parte do processo de construção do corpus, utilizamos a pesquisa bibliográfica para elaborar a revisão da literatura pertinente ao assunto, com o intuito de resgatar o passado para a partir daí começar a traçar um panorama sobre o tema.

Apresenta uma abordagem do tipo descritiva, explorando livros, revistas científicas, teses, sites e relatórios de pesquisas, que ofereceram suporte na definição e resolução da problemática.

A técnica documental teve como princípio a busca na Base de Dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

Foram analisados 64 artigos, dispostos em dois volumes com 984 páginas totais. Para uma análise mais específica, foram selecionados 12. A escolha dos artigos para um estudo mais profundo, levou em conta os conceitos centrais do texto e suas preocupações, seus autores e respectivas instituições.

3 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA

O nascimento da Biblioteconomia, campo específico do conhecimento, está associado às origens das primeiras bibliotecas, estas foram responsáveis pelas primeiras práticas e fazeres que dizem respeito àquele ambiente. Em um longo caminho percorrido, desde a Antiguidade com a famosa Biblioteca de Alexandria, passando pela “explosão informacional” causada pela descoberta de Gutenberg, até o momento atual, com a entrada das mídias eletrônicas, as bibliotecas acompanharam as trajetórias e as mudanças do tempo em que estavam inseridas, como objetos de transformação.

Se pensarmos na história da Biblioteconomia no Brasil, começaremos pela transferência da Real Biblioteca para o país e a fundação da Biblioteca Nacional em 1810. Segundo Fonseca (1979), em 1814, a biblioteca com 60.000 volumes, é franqueada ao público, passando a atender com serviços típicos dos encontrados em uma biblioteca pública. O autor acrescenta que ainda no início do século XX, o Brasil conhecia muito pouco o que ele chama de “a nascente ciência da biblioteconomia” e o que esta poderia lhe oferecer.

Porém é ainda no século XIX que ocorrem as primeiras contribuições no campo da produção biblioteconômica. Foi Ramiz Galvão, considerado por muitos como um dos maiores intelectuais brasileiros do século XIX, o que mais contribuiu para a consolidação da biblioteconomia no país.

Segundo Fonseca (1979), é em 1875 que Ramiz Galvão publica o “Bibliothecas públicas da Europa” e o seu primeiro relatório como diretor da Biblioteca Nacional. Em 1876, inicia-se a publicação dos Anais da Biblioteca Nacional, ainda sob a sua direção, que lá permaneceu até 1882.

Fonseca (2007), indica o catálogo da biblioteca do colégio da Bahia como o primeiro instrumento biblioteconômico produzido no Brasil. Organizado por Antônio da Costa, diretor do colégio, “tratava-se de um catálogo sistemático com o respectivo índice temático e onomástico” (FONSECA, 2007, p. 105). É também na Bahia que se imprime o segundo texto biblioteconômico brasileiro, o “Plano para estabelecimento de huma bibliotheca publica” de Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco.

Souza (2007), em sua obra “O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX” aponta outras grandes contribuições feitas. Em 1880, Alfredo do Vale Cabral publica a “Bibliografia da língua Tupi ou Guarani também chamada de língua geral do Brasil”, em 1884, João de Saldanha da Gama, publica o “Plano do catálogo sistemático da Biblioteca Nacional

do Rio de Janeiro”. Em 1902 o “Diccionario bibliographico brasileiro” é finalmente lançado. A obra começou a ser produzida ainda em 1883, por Sacramento Blake.

Antonio Gomes da Costa, diretor do Real Gabinete Português de Leitura, ao descrever a sua história e a importância de seu acervo para o site da Instituição, destaca o convite feito por Ernesto Cibrão, presidente do Real Gabinete, a Benjamin Franklin de Ramiz Galvão para que organizar um novo catálogo bibliográfico. Isso aconteceu em 1900, ano em que o gabinete se transforma em biblioteca pública. Tal tarefa só foi finalizada em 1906. (REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, 2016)

Fonseca (1979) destaca, que pela primeira vez foram utilizados os números auxiliares da CDU, que por iniciativa de Oswaldo Cruz, também já haviam sido adotados na Biblioteca do Instituto de Manguinhos, ainda em 1900. A Biblioteca Nacional se renderá a CDU apenas em 1918, quando “reinicia-se a publicação do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional” (FONSECA, 1979, p. 67)

A transformação do mundo por meio de saber científico e técnico foi pouco valorizada no Brasil durante séculos. Segundo Souza (2009), uma forte tradição poética e religiosa orientava a vida do Estado, e qualquer esforço científico e de geração de tecnologia era adiado. A tradição portuguesa apenas incentivava a exploração do meio ambiente, sem qualquer preocupação com o futuro.

Também segundo Souza (2009), poucas tentativas para se promover a educação obtiveram sucesso. A primeira reforma que tentou introduzir os estudos científicos não obteve apoio das elites, que viam em tais reformas, uma ameaça à formação tradicional imposta à juventude. Novas ideias não eram bem-vindas.

Com a separação do Estado e da Igreja instituída pela Constituição de 1891, o ambiente começa a se transformar. Com uma maior liberdade de pensamento, surgem escolas particulares protestantes. “Por intermédio de ministros e educadores protestantes vindos dos Estados Unidos, propagam-se lentamente novas ideias pedagógicas em São Paulo [...] e em Minas [...]” (SOUZA, F. C, 2009, p. 32-33). E mesmo com as tentativas de reforma, nenhuma política de educação foi adotada na República.

O governo não se preocupava com uma instrução pública, não querendo desviar a população de sua condição ruralista e analfabeta. As bibliotecas brasileiras da Primeira República, de acordo com estudos de Souza (2009), reuniam, conservavam e difundiam a cultura estrangeira. Eram reflexo de uma cultura erudita importada que atendiam a uma sociedade de caráter elitista, subdesenvolvida e dependente.

É nesse cenário que a Biblioteconomia começa a ter contato com as “correntes defensoras da organização sistemática do conhecimento” (SOUZA, 2009, p. 44-45) e passa a se interessar pelas as instituições estrangeiras onde a prática da biblioteconomia já esteja desenvolvida. Começa uma busca pelo conhecimento dessas técnicas e as tentativas de colocá-las em prática.

Souza (2009) salienta, que é ainda no século XIX, que percebemos um crescente interesse de intelectuais brasileiros pela sistemática da organização do conhecimento. O próprio Ramiz Galvão, doutor em Medicina, viajou pela Europa a fim de estudar a organização da Biblioteca Nacional de Paris e do Museu Britânico, introduzindo suas principais técnicas de administração na própria Biblioteca Nacional.

3.1 DO NASCIMENTO DA FORMAÇÃO BIBLIOTECONÔMICA À PÓS-GRADUAÇÃO

O início da Biblioteconomia no Brasil ocorre, segundo Castro (2000), em “espaços determinados”. A princípio se buscou resolver os problemas internos de cada instituição e não a capacitação de profissionais para atuar em qualquer biblioteca.

A necessidade de se ter um profissional qualificado, levou a Biblioteca Nacional a realizar o seu primeiro concurso no ano de 1879. Para alguns autores, como Fonseca (2007), seria esse o “marco inicial da formação do profissional bibliotecário no Brasil”

Castro (2000), relata que Ramiz Galvão, diretor da Biblioteca Nacional de 1870 a 1882, criou esse concurso para que enfim, pudesse ter um contingente profissional capaz de pôr em prática todos os seus planos de organização. Os poucos profissionais habilitados, fatalmente não se demoravam na biblioteca, saindo a procura de melhores remunerações em outros locais, visto que eram por lá mal pagos.

No relatório de 1898, como mencionado por Castro (2000), a Biblioteca Nacional tinha sérios problemas com o seu quadro profissional. O então diretor da biblioteca, João Alexandre Teixeira de Mello, afirma que os problemas constantes com o pessoal comprometiam o desenvolvimento de várias atividades dentro da instituição. Esse problema perseguiria a biblioteca durante muitos anos.

No ano de 1911, já sob a direção de Manuel Cícero Peregrino da Silva, cria-se o primeiro Curso de Biblioteconomia, sendo esse, segundo grande parte dos pesquisadores sobre a história da Biblioteconomia, o primeiro da América Latina e o terceiro do mundo. Influenciado pela escola francesa, *École Nationale des Chartes*, o curso só foi efetivamente inaugurado em 1915.

Segundo Castro (2000), um dos motivos que levou a suspensão do curso, foi a desistência dos inscritos, sendo a sua maior parte de funcionários da própria biblioteca.

Como podemos ver, existem diferenças entre o ensino da Biblioteconomia e a formação profissional de bibliotecários. Como explicado por Castro (2000), o ensino compreende o processo formal, onde incluem-se as escolas, seu currículo e as disciplinas. A formação profissional são as estratégias utilizadas para capacitar o bibliotecário e no mais, regulamentar a profissão.

O novo rumo tomado pela economia, fez surgir, não somente na Biblioteca Nacional mas também nas demais Instituições, a necessidade de que o trabalho fosse realizado por pessoal capacitado para as funções.

Para Souza (2009), no lado prático, era necessário que o bibliotecário tivesse um domínio de conhecimentos filosófico, histórico, social e psicológico. Ideia já defendida por Ramiz Galvão enquanto diretor da Biblioteca Nacional.

A organização de um curso para a formação de bibliotecários, visando a educação de profissionais para compor o seu quadro técnico, foi o que impulsionou a criação do 1º Curso de Biblioteconomia do país.

Mas este curso, implantado no último dos primeiros quinze anos do século XX, em meio às contradições políticas, econômicas e sociais existentes no Brasil, não tinha por finalidade transformar a sociedade, mas somente consolidar um projeto da elite dominante e, o mais possível, consolidar a Biblioteca Nacional em condições comparáveis àquelas mais importantes da Europa (SOUZA, 2009, p. 47).

O curso da BN funcionou até 1922. Em seguida, com a criação do Regulamento do Museu Histórico Nacional, é criado o “Curso Técnico”, que tinha como objetivo atender não só à Biblioteca Nacional mas também ao Museu. Esse curso teria dois anos de duração e oito disciplinas no currículo. A partir daí, segundo Castro (2000), a BN passa a depender do curso para integralização do seu quadro profissional. Por diversos motivos o curso não foi adiante, encerrando suas atividades em 1923. Castro (2000) relata esse fato como sendo, de certa forma, o encerramento da primeira etapa do Curso da Biblioteca Nacional.

Em 1929, nasce o curso do Instituto Mackenzie, em São Paulo. Foi em um colégio “tipicamente americano” que surge o 2º Curso de Biblioteconomia do Brasil. Considerado por muitos estudiosos como um curso meramente técnico, tinha duração de um ano e disciplinas como catalogação, classificação, referência e organização de bibliotecas. Enquanto a Biblioteca Nacional, ainda influenciada pelo modelo europeu, tinha em seu currículo as disciplinas de

bibliografia, paleografia e diplomática e iconografia e numismática. Esta retoma as suas atividades com o curso em 1931, levando-o de volta aos porões da biblioteca.

Anterior a criação do Curso de Biblioteconomia, São Paulo não se diferenciava dos outros Estados em questão de número de bibliotecas. Elas eram raras e, como mencionado por Castro (2000), apenas duas mereciam o nome de biblioteca: a do Convento dos Carmelitas e a do bispo D. Francisco Manoel da Ressurreição.

O curso do Mackenzie encerrou as suas atividades em 1936, quando Rubem Borba de Moraes, junto a Adelpha Figueiredo, viaja para os Estados Unidos para estudar Biblioteconomia. Ao voltar da viagem, Moraes contribuirá significativamente com “o processo de criação da Escola de Biblioteconomia da Divisão de Bibliotecas da Prefeitura Municipal de São Paulo, em 1936” (SOUZA, F. C., 2009, p. 56).

Mais uma vez, um Curso de Biblioteconomia criado no país, dentro de um contexto sócio-político-econômico resultante de mudanças profundas, veio a significar uma mudança de trajetória da Biblioteconomia no país, deixando patente a sua vinculação à classe dominante. Desde a ideia até os alunos, o Curso, salvo raras particularidades, era um projeto da elite como toda a Biblioteconomia brasileira nos anos 1940 e 1950 próximos. (SOUZA, 2009, p. 57).

Para Fonseca (1979), o ensino da Biblioteconomia no Brasil começa a se construir nos anos 40. Enquanto a Europa sofria com as guerras, o país criava novos cursos e a Biblioteconomia passava por significantes mudanças de trajetória. É em 1940 que a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo incorpora o curso iniciado em 1937. É também neste ano que se cria o Departamento Administrativo de Serviço Público (DASP), cuja biblioteca era dirigida por Lydia de Queiroz Sambaquy.

Desde o início, sabe-se que os cursos ministrados no Rio de Janeiro e São Paulo, seguiam linhas completamente diferentes. Enquanto o primeiro foi criado sobre as influências francesas da conservadora *École de Chartes*, de linha humanista, São Paulo era guiado pelo tecnicismo da *Columbia University*, nos Estados Unidos. Diz Fonseca (2007), que a formação do bibliotecário esteve sempre polarizada entre a erudição e a técnica.

Com a influência norte-americana, o papel dos cursos passa a ser formar bibliotecários com ênfase em processos técnicos. Mas as polêmicas geradas pelas diferenças entre as Escolas do Rio e São Paulo eram incontáveis, e, segundo Castro (2000), alguns lamentáveis conflitos chegaram a suscitar inimizades pessoais entre os bibliotecários das duas cidades. Entre elas, podemos destacar a diferença na catalogação e nas disciplinas curriculares oferecidas.

De acordo com Castro (2000), a partir dos anos 40 novos cursos são criados. Em 1944, sob a direção de Josué Montello, a Biblioteca Nacional fazia a sua primeira reorganização

curricular. A partir daí as diferenças escolares entre as duas principais cidades passam a ser mínimas. Nesta década são criados os cursos de Salvador, Campinas, Porto Alegre e Recife.

Na obra de Castro (2000 apud FONSECA, 1979, p. 22), destaca-se as três fases vividas pelo ensino da Biblioteconomia no país. Tal estudo destaca a liderança da Biblioteca Nacional, de influência francesa, entre 1879 – 1929 como sendo a primeira fase; a segunda acontece com a transferência da influência humanista francesa para a americana, pragmática, entre os anos de 1929 e 1962, e enfim a terceira fase que seria a uniformidade dos conteúdos pedagógicos com a instalação do currículo mínimo, a partir de 1962.

Castro (2000), relata que ao todo o ensino da biblioteconomia brasileira teve 5 fases. O que ele chama de “ciclos históricos” possibilitam demonstrar toda uma dinâmica no campo da Biblioteconomia.

Até o nascimento do IBBD, o Brasil contava com 8 cursos espalhados pelo Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Minas Gerais e Paraná.

De acordo com Castro (2000), muitas ações em torno da criação de novos cursos não se findavam. O autor relata, que é em 1950 que a Fundação Getúlio Vargas (FGV) lança a Bibliografia Econômico-Social. Coerente com o momento, profissionais interessados com a ajuda da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e da Organização dos Estados Americanos (OEA), realizam na Biblioteca Municipal de São Paulo, a Conferência sobre o Desenvolvimento dos Serviços de Bibliotecas Públicas na América Latina.

Para Souza (2009), o evento citado irá se agregar ao Primeiro Congresso de Bibliotecas do Distrito Federal promovido pela Biblioteca Municipal, o Instituto Nacional do Livro e pela Associação dos Servidores Civis. Em 1954, acontecerá na cidade de Recife o Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, que mais tarde passou a se chamar Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD). Segundo Souza (2009), este evento irá se transformar no “principal conclave profissional, técnico e científico” da Biblioteconomia e áreas afins.

O CBBBD não nasceu para dar respostas ao momento político, econômico e social, mas sim nasceu para afirmar um grupo profissional. Os próprios profissionais da Biblioteconomia, na década de 1950, são aburguesados, e o destino das Bibliotecas, como instrumentos de transformação e equilíbrio das desigualdades da sociedade, não se constituía no seu projeto mais expressivo. (SOUZA, 2009, p.68)

Para Castro (2000), a criação de novos cursos e a realização de Congressos na área, fez com que surgissem novas lideranças fora do eixo Rio-São Paulo. “Mulheres que vão publicar na área, reivindicar status profissional, lutar pelo estabelecimento do currículo mínimo, pela

regulamentação da profissão e pela a incorporação dos Cursos e Escolas pelas Universidades em especial nas Federais” (CASTRO, 2000, p.110)

Neste contexto, em 1954, cria-se o IBBD, com patrocínio da FGV, “tradicional representante da UNESCO no Brasil” (SOUZA, 2009, p.69). Fonseca (1979), relata que o Instituto exerceu importante papel na transição da Biblioteconomia para a Documentação no Brasil, constituindo um “suplemento de força” para os bibliotecários no país. Entre suas principais ações, reatou a ligação da Biblioteconomia Brasileira com a Europa, que havia se rompido na década de 40 por conta da influência norte-americana.

A expansão do ensino e a incorporação dos saberes da Documentação, no campo da Biblioteconomia, seriam condições sine qua no, para modificar a formação do bibliotecário, agora um detentor de conhecimentos especializados, a serviço da ciência. Enfim, um SERVO SERVORUM SCIENTAE. (CASTRO, 2000, p. 114)

Segundo Castro (2000) e Souza (2009), se até a década de 60 as pessoas que procuravam o curso de Biblioteconomia provinham de classes sociais mais altas, esta realidade começa a mudar. Os cursos passam a ser uma segunda e terceira opção para os estudantes que não conseguiam entrar nos cursos mais cobiçados. A maior procura por matrículas no curso de Biblioteconomia, segundo relatos de Castro (2000), aconteceram entre 1962 e 1965, provavelmente após a regulamentação da profissão e o estabelecimento do currículo mínimo.

3.2 DA PÓS-GRADUAÇÃO AOS DIAS ATUAIS

As mudanças conferidas ao campo da ciência e da tecnologia, bem como a incorporação dos princípios da Documentação na Biblioteconomia Brasileira, passaram a exigir do bibliotecário maior conhecimento da sua área, de suas fontes e terminologias. Os novos tempos pediam profissionais mais capacitados para lidar com a quantidade de informação produzida. Novas áreas surgiam e era preciso que o profissional bibliotecário se adaptasse e se preparasse para elas.

O que Sambaquy (1962) chama de “bibliotecário humanista, conservador, imperfeito”, deverá ceder seu espaço para o bibliotecário moderno, que se preocupa com a informação e na maneira como esta será acessada. O bibliotecário “antigo” era representante de uma época em que o saber podia ser ainda dominado. A autora acrescenta que o bibliotecário moderno deveria se voltar para “a organização técnica dos dados bibliográficos e o seu uso”, assumindo o papel de orientador dos leitores, se tornando um seguidor das novas técnicas de documentação.

Autores como Saracevic, Robredo, e Souza, usam o termo “explosão da informação” para justificar a necessidade mundial de ter especialistas que se mobilizassem para organizar,

condensar, indexar os relatórios de pesquisas e documentos diversos, recuperando, tratando e disseminando as informações geradas a partir da Segunda Guerra Mundial. O primeiro a utilizar a denominação “explosão da informação”, foi Vannevar Bush, em 1945.

Yves-François Le Coadic é enfático ao tratar o *boom* informacional. “Não há mais distância que seja obstáculo a velocidade” (LE COADIC, 1996, p. 8). Um novo campo surgia e as discussões em torno dele eram muitas. A nova comunidade científica mundial, necessitava de uma ciência que estudasse as propriedades da informação e os processos de sua construção, comunicação e uso.

Castro (2000), comprova que a área progrediu muito na prática mas não na teoria, e que isso se devia ao uso de novas tecnologias. Para ele, o motivo desta distância entre o saber e o fazer estaria no modo como a Biblioteconomia era concebida “uma atividade de apoio, uma técnica e não um campo do saber” (SOUZA, 1987 apud CASTRO, 2000, p.64-65).

O mundo passa a acompanhar a construção do discurso de uma ciência distinta. Como mencionado por Castro (2000), o bibliotecário erudito passa a ceder espaço à especialização. Este bibliotecário moderno não se preocuparia em ser tão somente o que Lydia de Queiroz Sambaquy (1962), chamou de “guardião do livro”. Ele seria o organizador bibliográfico, detentor da informação e aliado de pesquisadores e documentalistas.

Surge o bibliotecário-especialista. Este não deveria limitar sua visão de mundo a um determinado campo. Fonseca (1979), tinha algumas ressalvas quanto a especialização do bibliotecário em uma área específica do saber. Ele temia que este profissional acabasse se fechando em sua área e conseqüentemente acabaria se fechando para outras áreas, “recusando a interdisciplinaridade”.

A primeira formulação do que seria a ‘ciência da informação’ surge após as conferências do *Georgia Institute of Technology* – o *Georgia Tech*. Em muitas obras pesquisadas com estudos específicos sobre a Ciência da Informação, facilmente notamos a presença do evento realizado em 1961 e 1962, como marco da definição da nova ciência.

Ciência da Informação é a que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso. O processo inclui a origem, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação. O campo deriva-se ou relaciona-se com a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a tecnologia computacional, as operações de pesquisa, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, a gestão e alguns outros campos. (SHEERA, 1977 apud ROBREDO, 2003, p.55)

Borko (1968 apud ROBREDO, 2003, p.56), vai um pouco mais além da definição dada por Sheera. Para ele, a Biblioteconomia e a Documentação são aspectos aplicados da ciência da informação. Para Robredo (2003), a Ciência da Informação seria hoje uma ciência consolidada,

a julgar pela quantidade de informação sobre ela produzida nos últimos anos. Fato é, que a nova ciência identificou e delimitou seu objeto de estudos e seus problemas fundamentais de pesquisa. Le Coadic (1996) afirma que o fundamental era o “estudo das propriedades gerais da informação [...] dos processos e sistemas de construção, comunicação e uso dessa informação” (LE COADIC, 1996, p.56).

O processo foi longo. Diversas áreas contribuíram para a consolidação da Ciência e de diversas formas. Le Coadic (1996), cita as contribuições dadas pela museologia, documentação, jornalismo, psicologia, informática, sociologia, além dos estudos da área biblioteconômica, para elaboração de processos e sistemas de comunicação.

No Brasil, surge o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, criado por meio do decreto n.º 35.124, de 27 de fevereiro de 1954 (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2016).

3.2.1 Do IBBD ao IBICT

Com o término da Segunda Grande Guerra, o mundo passa a sentir a necessidade da criação de associações que se preocupassem em reunir os destroços provocados pela guerra. Com o propósito de garantir a paz, nasce a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). “A nova organização deveria estabelecer a solidariedade intelectual e moral da humanidade, evitando assim uma nova guerra mundial” (CASTRO, 2000, p. 242). Neste mesmo contexto surgem várias associações pelo mundo.

No Brasil, além da Biblioteca Nacional (BN), a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Departamento Administrativo de Serviços Públicos (DASP), controlavam e disseminavam a produção bibliográfica no país. A UNESCO sugeriu à FGV que criasse então um centro nacional de bibliografia, já que esta realizava importantes atividades na área. Na mesma época surge o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que tinha o objetivo de “manter as relações com as instituições nacionais e estrangeiras para intercâmbio de documentação técnico-científica” (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2016).

O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), foi o resultado de uma constituição científica na área da Biblioteconomia e Documentação. Sua função seria a de controlar e divulgar toda e qualquer pesquisa nacional produzida e também as internacionais que pudesse interessar ao campo da ciência brasileira. Ele tinha os seguintes objetivos:

[...] promover a criação e o desenvolvimento dos serviços especializados de bibliografia e documentação; estimular o intercâmbio entre bibliotecas e centros de documentação; incentivar e coordenar o melhor aproveitamento dos recursos bibliográficos e documentários do país (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2016).

Criado em 1954, ano do primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (CBB), realizado em Recife, o Instituto carregou esse nome até 1976, quando passou a se chamar Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), por meio da Resolução n.º 20/76, de 25 de março de 1976. Com isso, queriam preencher uma lacuna no Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, quanto à necessidade de fornecimento de informações em Ciência e Tecnologia. “O objetivo passa a ser desenvolver uma rede de informação no país, envolvendo todas as entidades atuantes em Ciência e Tecnologia (C&T)” (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2016).

Dez anos depois de iniciar as suas atividades, como identificado por Antônio Agenor Briquet de Lemos, em conferência realizada na Biblioteca Nacional de Lisboa, em 1986, o IBBD havia conseguido um “razoável prestígio” entre a comunidade de ciência e tecnologia, graças aos serviços proporcionados pelo Instituto.

Por várias razões, sua existência tornara mais visível, fora do meio dos profissionais de Biblioteconomia, a relevância para o país da informação científica. No entanto, devido a sua proposta de órgão monolítico, suas preocupações com o planejamento ou a coordenação, eram praticamente inexistentes. (LEMOS, 1986, p. 108)

A partir deste ponto, o IBICT passaria a atuar propondo e executando políticas no setor de informação científica e tecnológica, colaborando para o avanço da ciência. O que Cunha (2005) chama de a “imperiosa necessidade de formalização de uma política nacional de Informação em Ciência e Tecnologia (ICT)” seria o principal fator para a transformação do IBBD em IBICT.

3.2.2 O primeiro curso de Mestrado em Ciência da Informação

De acordo com Cunha (2005)¹, O objetivo do IBBD com a criação do primeiro Curso de Mestrado, era formar e aperfeiçoar pesquisadores, professores universitários e outros especialistas em Ciência da Informação, realizando estudos avançados no campo, que pudessem contribuir para o seu avanço.

Com a criação do curso, o Instituto procurava não só atrair profissionais oriundos da Biblioteconomia, e sim abrir espaço para que outras áreas pudessem se interessar pelo Curso. Desde o início, o maior propósito do IBBD era fazer com que os profissionais que viessem a

¹ Artigo publicado na Revista do IBICT em 2005, pelos 51 anos da Instituição.

atuar com a informação técnica, tecnológica e documentação científica fossem pós-graduados e não somente bacharéis.

A partir dos anos 1970, o ensino da Biblioteconomia no Brasil começou a sofrer com mais força os efeitos que as mudanças científicas e tecnológicas haviam produzido [...] Esses efeitos trouxeram demandas muito mais intensas para todos os segmentos sociais. Desse modo, a educação bibliotecária já não podia continuar a mirar num único foco de formação ou de conteúdo curricular, supostamente dirigido para a biblioteca pública ou escolar. (SOUZA, 2009, p. 102)

A entrada de outros profissionais na área de informação se deu de várias formas. Essa “invasão” pode ser explicada de diversas formas, entre elas, a dificuldade de comunicação entre o bibliotecário com outras áreas e a sua resistência em assumir o caráter interdisciplinar inerente às atividades da informação. (TARAPANOFF, SANTIAGO, CORREA, 1998, P. 60-84)

Para Robredo (1986), o profissional da informação deveria ter conhecimentos de Teoria da Informação, incluindo Cibernética, Linguística, Lógica, Engenharia elétrica e eletrônica, programação de computadores e gerência de bibliotecas e centros de informação.

Para o primeiro Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação da América Latina, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi escolhido o enfoque Informação/Comunicação Científica. De acordo com Gomes (1978) – em discurso proferido na abertura da primeira Reunião Brasileira de Ciência da Informação – na elaboração do currículo do Mestrado, procurou-se evitar erros anteriormente cometidos, como igualar a Ciência da Informação à tecnologia da informação ou à administração de sistemas de informação. Neste currículo, foram incluídas diversas disciplinas optativas, que segundo a então diretora do IBBD, eram enfocadas sob o ponto de vista teórico (Epistemologia, Teoria dos Conjuntos e Teoria da Comunicação) e prático (Programação, Linguística e Didática).

Le Coadic (1996), observa os pontos que deram à Ciência da Informação um caráter científico e social: as revistas científicas, as sociedades científicas e profissionais e os cursos e unidades de ensino em Ciência da Informação.

Muitos eram os argumentos tidos na época para que não se criassem cursos de Mestrado em Biblioteconomia ou Ciência da Informação. Souza (2009), aponta a falta de professores com preparação adequada e o alto custo de manutenção desses cursos. Outro argumento exposto pelo autor, era que a demanda desses cursos por profissionais de outras áreas, levariam à desarticulação do “exclusivismo profissional” dos bacharéis em Biblioteconomia.

No IBBD, aos poucos foi apontando o fato de que “os rumos tomados pela economia brasileira exigiam da escola de Biblioteconomia não simples conservadores de coleções, mas profissionais capazes de ligar com a informação científica e técnica” (SOUZA, 2009, p.113).

4 ENCONTROS CIENTÍFICOS E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Seja através do material que é produzido ou do simples contato pessoal, o encontro científico como forma de promoção e divulgação da informação, ainda é algo que necessita de bastante atenção. Não são muitos os pesquisadores que se dedicaram a isso. Entre esses, destacamos Bernadete Campello e os seus estudos sobre “Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais”.

As organizações, de um modo geral, sejam na área Biblioteconômica ou Médica, como em tantas outras, sempre promoveram encontros como forma de disseminação de informação e troca de conhecimento. O que diferencia essas áreas é a forma como o conteúdo produzido será tratado após o encontro. No campo da medicina por exemplo, esses encontros científicos são

uma forma de apresentação de temas que ainda serão discutidos posteriormente. Facilmente os trabalhos apresentados virarão artigos em periódicos científicos de sua área.

De acordo com Campello (2000), os vários tipos de encontros científicos realizados terão suas funções variando de acordo com os seus objetivos e a sua abrangência. Segunda a autora, alguns encontros são exclusivamente para a comunicação de pesquisas, tendo como objetivo a discussão destas e os seus avanços, enquanto outros são voltados para as práticas profissionais e “apesar de terem estruturas semelhantes, a sua organização e os trabalhos apresentados terão características distintas” (CAMPELLO, 2000, p. 59)

A quantidade de eventos produzidos na área científica é gigantesca. Muito mais do que a divulgação de trabalhos, esses encontros científicos servem para comprovar que a comunidade se importa com o contato pessoal como forma de comunicação e por isso tais encontros continuam a ser produzidos com grande frequência. Esses eventos oferecem aos seus participantes uma excelente oportunidade de se comunicarem informalmente com profissionais da mesma área, estabelecer parcerias para projetos futuros e proporcionar a novos participantes a oportunidade de conhecer pesquisadores antigos de sua área.

4.1 OS EVENTOS NA ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA

Como mencionado anteriormente, uma das formas mais comuns pela qual um pesquisador toma conhecimento das pesquisas que estão sendo realizadas pelos colegas, segundo Campello (2000), é realizado através do contato pessoal. Nos Congressos, encontros periódicos nos quais são discutidos assuntos de interesses comum, são apresentados trabalhos e há uma elevada troca de informações.

Segundo Cunha e Cavalcanti (2008), Congresso é uma reunião dos membros de uma associação, que costuma se realizar periodicamente. Nos Congressos, “são debatidos assuntos mútuos prefixados, com a apresentação [...] de documentos de trabalho, comunidades e relatórios” (CUNHA, CAVALCANTI, 2008, p. 101).

Na área da Biblioteconomia, o primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (CBB), aconteceu em julho de 1954, na cidade de Recife. O tema discutido foi a situação do leitor e do ensino profissional da época. Assuntos como bibliotecas públicas, infantis e especializadas, bem como a Legislação profissional, também tiveram o seu espaço².

Com o aumento do número de Associações e Escolas de Biblioteconomia no país, foi sentida a necessidade de se promover cada vez mais essas reuniões. Em 1959, aconteceu o 2º

² Informações retiradas do site do XXV CBBBD que aconteceu em Florianópolis, SC, de 7 a 10 de julho de 2013

evento da área, agora chamado Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB). Neste Congresso, realizado em Salvador, foi proposta a criação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), que só seria aprovada e formalizada durante o 3º CBBB, em Curitiba. Neste evento, foi empossada a primeira diretora, a bibliotecária Laura Garcia Russo³.

O CBBB, que realizou 5 encontros no período de 1971 a 1979, vinha evoluindo gradativamente desde 1954, mas segundo Souza (2009), não conseguiam, ainda, alcançar a sua principal função de comunicação de novos conhecimentos. Tenta-se, então, “criar eventos para atender às especificidades temáticas” (MACEDO, 1987 apud SOUZA, 2009, p. 116)

Na década de 70, verificou-se com mais frequência a realização de eventos em Biblioteconomia e Documentação, envolvendo os profissionais, os estudantes e os docentes, abordando temas específicos e levando-os a ter continuidade. Esses eventos, indicam uma disposição pela busca de instrumentos mais efetivos de aprendizagem, assimilação de conteúdo e novas informações. Entre eles, podemos destacar:

- Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias – SNBU.
- Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras – SPOB.
- Reunião Brasileira de Ciência da Informação.
- Encontro Nacional de pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB

Se o CBBB [...] ainda não encontrara nos anos da década de 1970 sua principal função, pelo menos orientou o surgimento de novos eventos, mais estritos e nos quais “colégios invisíveis” puderam formar-se. De outro lado, supunha-se que aqueles eventos novos com feição temática podiam trazer resultados mais efetivos em torno da apresentação de propostas mais concretas para a solução de problemas ainda não avaliados devidamente, como a dispersão e enfraquecimento do discurso profissional bibliotecário. (SOUZA, 2009, p. 116)

Esses eventos especializados iniciados a partir de 1970, foram demasiado importantes na abordagem e tratamento de questões pontuais. É também nesta década que acontecem os primeiros Encontros Nacionais de Estudantes em Biblioteconomia e Documentação – o ENEBD, tratando de questões acadêmicas e políticas.

4.2 FONTES PARA IDENTIFICAÇÃO DE EVENTOS CIENTÍFICOS

Segundo Bernadette Campello (2000), os eventos científicos indicam uma disposição pela busca de instrumentos mais efetivos de aprendizagem, assimilação de conteúdo e novas

³ Informações obtidas no site do Grupo de Profissionais em Informação e Documentação Jurídica do Rio de Janeiro – GIDRJ.

informações. Os documentos gerados nesses encontros podem aparecer antes, durante ou depois do evento e geralmente na forma de anais, com a reunião do conjunto dos trabalhos apresentados.

4.2.1 Os anais

De grande parte dos encontros científicos, se resultam anais, cujo conteúdo é distribuído aos participantes. Eles são documentos com apresentação cronológica extensa dos fatos e notícias relativas a uma organização ou evento. Na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, foco desse trabalho, o conteúdo produzido pelos seus participantes, fatalmente terá a sua forma principal de disseminação apenas através dos anais dos eventos, estes devendo ser considerados como um documento permanente.

Segundo o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, anais são um

[...] tipo de publicação periódica que relata eventos acontecidos durante o ano, transações de uma organização, principalmente nas áreas científicas e tecnológicas, ou progresso em áreas especializadas do conhecimento [...] Registro de eventos [que] inclui os trabalhos, os informes e atas das sessões de reunião de uma sociedade ou associação científica. Documento primário. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.13)

Campello (2000), relata que, a natureza do material, se permanente ou provisório, difere de área para área e a atividade exercida pelos autores será um ponto de ajuda a entender a natureza dos anais como forma de comunicação científica. No caso da Biblioteconomia e Ciência da Informação, a maioria dos autores são profissionais atuantes no mercado de trabalho e seus trabalhos facilmente refletirão relatos de suas experiências, enquanto outras áreas apresentarão relatórios de pesquisas.

Tais obras se revestem da maior importância. Através delas verifica-se um número cada vez maior de teses e dissertações defendidas, principalmente no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, áreas em constante crescimento.

Algumas obras resultantes desses encontros científicos, podem ser encontradas no Portal do Livro Aberto (PLA). O portal, que é abrigado pelo IBICT, tem por objetivo reunir, divulgar e preservar as publicações oficiais em ciência, tecnologia e inovação.

O projeto inicial passou ao longo do seu desenvolvimento por mudanças em decorrência da necessidade de diversificar o conteúdo digital, para atender às demandas de alunos, pesquisadores, docentes e profissionais de informação pelas obras publicadas pelo IBICT. Para tanto, o IBICT investiu na técnica e tecnologia de digitalização de um conjunto selecionado de livros publicados na versão impressa, há muito tempo esgotados. Hoje as publicações do IBICT podem ser encontradas na coleção Ciência da Informação do Portal. (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2016)

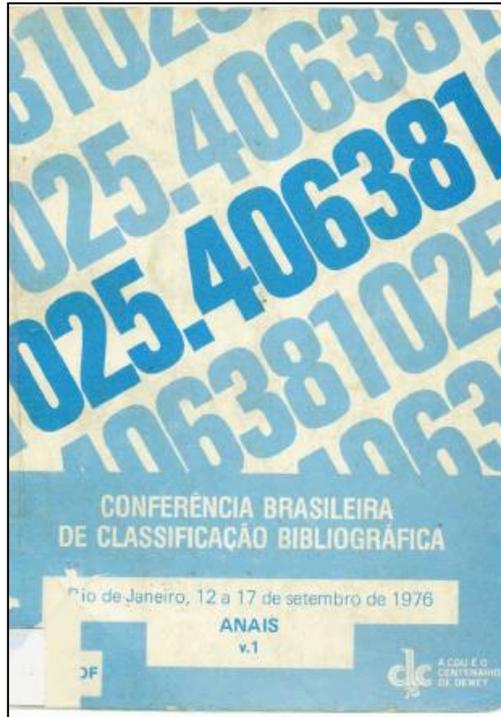
Por conta da pouca verba que alguns eventos possuíam para a sua realização, alguns encontros acabaram não possuindo esses anais, devido ao alto custo de produção. Com o avanço da tecnologia, o problema com a divulgação dos trabalhos resultantes dos encontros, passou a não mais existir. Foram primeiramente disponibilizados em *CD-Room*, e hoje em dia, disponíveis *online* aos seus participantes.

Figura 1 - Capa dos anais do 3º Congresso Regional sobre Documentação e 11ª Reunião da FID/CLA (1971)



Fonte: Portal do Livro Aberto

Figura 2 - Capa dos anais da Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica (1976)



Fonte: Portal do Livro Aberto

4.2.2 Repositórios digitais

Os repositórios digitais (RDs) são bases de dados online que reúnem de maneira organizada a produção científica de uma instituição ou área temática. Os RDs armazenam arquivos de diversos formatos. Ainda, resultam em uma série de benefícios tanto para os pesquisadores quanto às instituições ou sociedades científicas, proporcionam maior visibilidade aos resultados de pesquisas e possibilitam a preservação da memória científica de sua instituição.

Os RDs podem ser institucionais ou temáticos. Os repositórios institucionais lidam com a produção científica de uma determinada instituição. Os repositórios temáticos com a produção científica de uma determinada área, sem limites institucionais (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2016).

Essas novas tecnologias, contribuem para facilitar o avanço científico, proporcionando a recuperação e disseminação da informação. Mesmo que ainda seja um caminho longo, muitas são as possibilidades e facilidades oferecidas, seja no processamento, na comunicação, na divulgação ou na rapidez com que se acessa a informação⁴.

⁴ Os repositórios digitais constituem uma das estratégias propostas pelo Movimento de Acesso Aberto para promoção da literatura científica de forma livre e sem custos de acesso. É crescente o número de repositórios institucionais e temáticos criados pelo mundo. No Brasil, este crescimento foi acelerado pelo projeto IBICT-FINEP/PCAL/XBDB, que possibilitou a implantação de, até o presente momento, 40 repositórios institucionais em diversas universidades e instituições de pesquisa. Com a disseminação e conseqüente conscientização do Movimento de Acesso Aberto à informação científica, diversas instituições brasileiras têm se dedicado à criação de repositórios digitais de acesso aberto. A seguir apresentamos uma lista

Ainda em fase de testes, mas já disponível para consulta, o BENANCIB – repositório digital dos trabalhos e palestras apresentados nos ENANCIBs⁵, conta com os materiais resultantes dos encontros disponíveis no site, através da plataforma Dspace. O software de acesso livre, permite a criação de repositórios digitais com função de captura, distribuição e preservação da produção intelectual.

Criado pelo grupo de trabalho “Informação, Discurso e Memória” da Universidade Federal Fluminense (UFF), o repositório digital, é viabilizado financeiramente pela Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), bolsas do CNPq e apoio técnico do Superintendência de Tecnologia da Informação da UFF (STI/UFF).

Nas Figura 3 e 4, temos a página de busca do repositório “Questões em rede”, onde também podemos ver as últimas submissões feitas, e o sistema de busca, onde o pesquisador poderá buscar os trabalhos resultantes do evento que desejar, seja pelo título, autor, resumo, palavra-chave ou edição (cidade, ano), dentro da coleção BENANCIB. O repositório conta com trabalhos e palestras disponíveis virtualmente desde a sua primeira edição, em 1994.

Figura 3 – Página de acesso ao BENANCIB

Fonte: Questões em rede

dos repositórios brasileiros já implantados (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2016)

⁵ O ENANCIB, evento realizado pela ANCIB, e tem como principal finalidade organizar fóruns de debates e reflexões, reunindo pesquisadores interessados em temas especializados da Ciência da Informação, organizados em grupos de trabalho

Figura 4 - Busca de trabalhos apresentados

Buscar no DSpace

Digite algum texto na caixa abaixo para buscar no DSpace.

Título:

Autor:

Resumo:

Palavra Chave:

Edição, cidade, Ano:

Número do Evento:

Título do Evento:

Todos os campos (Texto completo):

Referências:

Fonte: Questões em rede

5 AS PRIMEIRAS PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS A PARTIR DA BIBLIOTECA NACIONAL: OS ANAIS DE 1876 E 1915

Em 1876, ano esse que, segundo Fonseca (1979), é cheio de significados tanto para a Biblioteconomia brasileira quanto a mundial, surge Ramiz Galvão com os Anais da Biblioteca Nacional. De nada adiantava apenas se adquirir documentos, se constituir um bom acervo, era preciso torná-los disponíveis ao público.

O objetivo de Galvão com os primeiros Anais era a publicação de todas as “riquezas literárias” que até então estavam escondidas e ignoradas pela população. Ele queria fazer desse trabalho um objeto apreciado não só pelos bibliófilos e literatos, mas pelos leitores amadores e os sábios.

A obra foi dividida em 2 volumes. No primeiro, encontramos 43 páginas dedicadas à vida e obra do português Diogo Barbosa Machado (1656 – 1683).

É de justiça que os Annaes da Bibliotheca Nacional comecem por uma homenagem ao ilustre e distinctissimo bibliographo, que tão bons serviços prestou ás letras portuguezas, e a quem devemos os brasileiros a mais escolhida colleção de livros raros e preciosos de nossa primeira bibliotheca. Compete a nós este dever porque fomos os herdeiros, e, somos hoje os legitimos possuidores dos thesouros bibliographicos d’aquelle famoso collector [...] (GALVÃO, 1876, p.1)

Galvão (1876) é claro ao dizer que o trabalho dedicado ao colecionador português não tinha apenas o intuito de prestar homenagem, mas trazer à tona novos dados e informações até então desconhecidas. A obra do abade de Santo Adriano de Server, contava com 85 volumes em formato in-4. O valioso códice “Cathalogo dos livros da livraria de Diogo Barbosa Machado”, confeccionado a próprio punho por seu colecionador, foi distribuído em 34 classes com 4.301 obras em 5.764 volumes.

Segundo Galvão (1876), o catálogo sumário estava longe de poder se chamar de obra bibliográfica e nem seria esse o intuito de Diogo Barbosa Machado, que só desejava uma relação das riquezas de sua livraria.

Tais riquezas certamente entraram para a Biblioteca Nacional quando esta se constituiu. Em relatório, Ramiz Galvão diz que estas já não existiam em sua perfeita integridade “ou porque mão criminosa ousou tocar-lhes, ou porque a excessiva confiança dos passados administradores permittiu que alguns volumes fossem consultados fora de estabelecimento” (GALVÃO, 1876, p. 34).

Diogo Barbosa Machado antes de morrer, oferece sua biblioteca para a Casa Real, cujos livros haviam sido danificados pelo terremoto de 1755. O intuito de sua doação era, além de oferecer os livros ao rei, poder salva-los e conservar-lhes o valor, levando-os para a posteridade.

A nós, posteridade agradecida, não compete sinão admirar o vulto grandioso do trabalhador indefêso; a nós, filhos do Brazil e herdeiros do fruto de seu ingente trabalho não compete sinão venerar a memória do precalo bibliophilo [...] (GALVÃO, 1876, p.1)

O primeiro volume ainda conta com Teixeira de Melo dedicando-se às cartas inéditas de Padre José de Anchieta, que segundo Melo (1876), merecia ser apelidado de *apóstolo do Brasil*. “Anchieta, portanto, não era só homem das palavras doces e suaves: era também quando a ocasião o-exigia, o homem da acção e dos actos de civismo e reflectido valor do guerreiro consumado” (Biblioteca Nacional, 1876, p. 52) A presente coleção de registros das cartas escritas do Brasil à S. Roque, em Lisboa, foram oferecidas à Real Biblioteca pelo Conselheiro Diogo de Toledo Lara Ordonhez.

No primeiro volume dos Anais, encontramos muitas páginas dedicadas a apresentação da Coleção Camoneana. Camões seria o nome que “resume a gloria e a litteratura [...] a afirmação mais completa da nacionalidade portuguesa” (Biblioteca Nacional, 1876, p. 81). Segundo João de Saldanha da Gama (1876), a coleção que possuíam, se não fosse a melhor, seria uma das mais ricas e seletas.

Outro nome que recebeu boa dedicação em sua primeira edição, foi o de Alexandre Rodrigues Ferreira, homem que “ocupou-se com esmêro das cousas do Brasil” (CABRAL, 1876, p. 120). Com isso, se daria exata e particular notícia das obras do compatriota que se conservava na Biblioteca Nacional.

Até mesmo Gutenberg tem destaque em 1876. Ampla discussão sobre os primeiros impressos é relatada. Outro destaque seria a “Galeria dos Bibliothecarios”, com o intuito de descrever os feitos dos administradores da biblioteca de 1822 até 1870, mencionando as suas aquisições mais notáveis, fatos interessantes ocorridos e tudo mais relativo às suas administrações que fosse relevante.

Na seção intitulada Necrologia, uma seção de variedades, é mencionado “um novo Glossário Brazilico”, que se referia às línguas americanas. Também encontramos nesta seção discussões sobre o Morro do Castelo e se esse seria de fato prejudicial para a cidades como suposto.

Em 1915, foi produzido o 37º volume dos Anais da Biblioteca Nacional. uma publicação com 691 páginas, contendo um inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes nos arquivos da Marinha e Ultramar. Tais registros foram especialmente organizados por Eduardo de Castro Almeida, 1º Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa, e também diretor da Seção IX do Arquivo.

Ao final desses Anais, Manoel Peregrino da Silva apresenta um relatório endereçado ao então Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Carlos Maximiliano Pereira dos Santos, contendo um compilado de informações sobre tudo que aconteceu na biblioteca durante o ano de 1914.

No relatório encontramos o Diretor da biblioteca comunicando que mais uma vez não pode iniciar o Curso de Biblioteconomia por falta de candidatos.

E para sentir que não tenha sido possível até agora colher os resultados benéficos que do funcionamento do curso se devem esperar, não só em relação ao estabelecimento, em cujo proveito resultarão os conhecimentos técnicos que forem ministrados aos que nelle trabalharem pretenderem ser admitidos, como também em relação a estes, pois o certificado de aprovação nas matérias do curso constituirá uma razão de preferência para as nomeações, uma circunstância digna de nota nas promoções e uma condição indispensável para a elevação do cargo de bibliothecario, deverido valer além d'isto por um título de recommendação para os que propuzerem exercer funções nas demais bibliothecas do paiz. (SILVA, 1918, p. 684-685)

Peregrino informa todas as ausências e substituições ocorridas durante o ano, o falecimento de alguns funcionários e a nomeação de outros. Nele também é mencionada a criação de novo concurso para a vaga de auxiliar, que recebeu a inscrição de 38 candidatos, dos quais 33 concorreram a vaga.

Após comunicar o candidato Hugo Capeto da Câmara como novo auxiliar, Peregrino mais uma vez se queixa da falta de mão-de-obra qualificada para ocupar os cargos da Biblioteca Nacional, e diz que por esse motivo os resultados seriam sempre pouco ou nada satisfatórios.

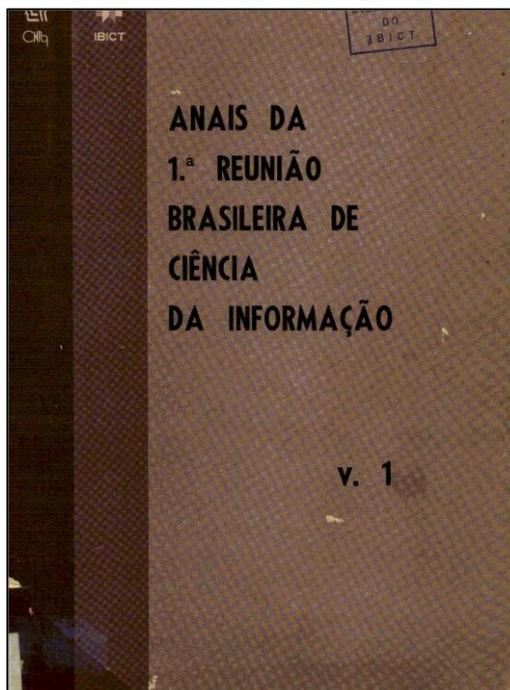
Do mesmo modo, também estão identificadas todas as compras realizadas pela Instituição e as doações recebidas, incluindo a aquisição do manuscrito “Os Lusíadas” de Luís de Camões, trabalho esse cheio de anotações portuguesas e castelhanas, segundo o diretor da biblioteca, “nunca dado à luz” (SILVA, 1918, p. 676)

Os demais documentos e relatos constantes no anuário vão desde a liberação régia de patentes, pedidos de anulação de testamentos, atestados de doenças, batizados, casamentos e óbitos, até a apresentação de mapas de exportação da Bahia para Portugal, pedidos oficiais de liquidação de Quilombos e a liberação de pardos filhos de brancos pertencentes às ordens militares, para que fossem admitidos na Ordem Terceira ou Irmandade.

6 RESULTADOS

Foram realizadas análises nos anais resultantes da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação, realizada em 1975, pelo IBBD. As publicações foram divididas em dois volumes, totalizando 64 artigos, somente publicadas em 1978, já pelo IBICT.

Figura 5 - Capa do volume 1 da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação



Fonte: Portal do Livro Aberto

Na Tabela 1 de informações sobre publicações, são apresentados os números dessas análises iniciais.

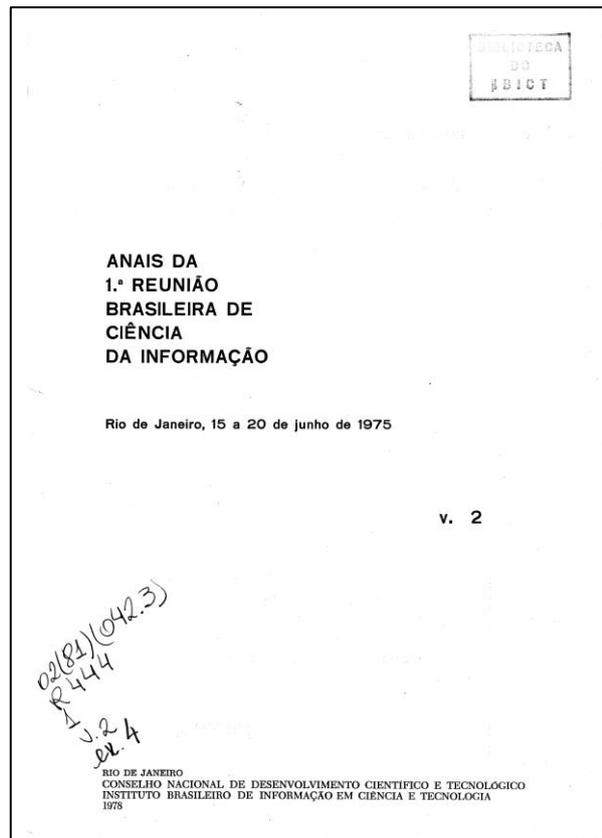
Tabela 1 – Informações sobre publicações

Volumes:	2 volumes totalizando 984 páginas
Publicações:	64
Autores:	86
Autores com mais de 1 artigo publicado:	12
Artigos publicados em co-autoria:	42
Artigos publicados por Instituições:	02

Fonte: 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação

O resultado desse encontro, contou com a publicação dos anais divididos em dois volumes, onde além da exposição de painéis e apresentação dos artigos submetidos, incluiu 2 discursos de abertura, ficha técnica da comissão organizadora e autoridades, regulamento e índice de trabalhos. Na Figura 6 - Folha de rosto, poderemos visualizar a folha de rosto do segundo volume.

Figura 6 – Folha de rosto do segundo volume



Fonte: Portal do Livro Aberto

Na Tabela 2 – Temas, são explicadas as 4 divisões, com um painel de exposição de estudos para cada um e apresentação de trabalhos. A maior quantidade de trabalhos submetidos foi para o 3º tema, com 19 artigos publicados.

Tabela 2 - Temas

Nº	Título	Painel	Trabalhos
Tema 1	Infra-estrutura	5	8
Tema 2	Estrutura	5	8
Tema 3	Organização, administração, disseminação e utilização	5	19
Tema 4	Tecnologia	6	8

Fonte: Anais da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação

Das 64 publicações nos anais do evento, foram analisadas para composição deste trabalho 12, entre exposições e trabalhos, sendo 2 relativos ao primeiro tema, 2 relativos ao segundo, 6 artigos do terceiro e 2 do último e 4º tema, como podemos ver no Quadro 1 –

Artigos analisados. A escolha dos artigos para uma análise mais profunda, levou em conta os conceitos centrais do texto e suas preocupações, seus autores e respectivas instituições.

Quadro 1 - Artigos analisados

Artigo	Tema	Autor	Entidade
Política científica	1	DACORSO FILHO, Paulo	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq
Problemas de recursos humanos	1	GOMES, Hagar Espanha	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação - IBBD
Revistas técnico-científicas de Medicina Veterinária no Brasil	2	JÜRGEN, Dübereiner; LANGENEGGER, Jerome	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
Produção de literatura periódica numa instituição de ensino e pesquisa em Biologia	2	GARCIA, Maria Lucia; CARVALHO, Maria Martha de; CARVALHO, Maria de Lourdes	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Organização e Administração	3	SAMBAQUY, Lydia de Queiroz	Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara – FEFIEG
Disseminação	3	GAMBOA, Carlos A.; CEPEDA, Luiza Maria C.	Biblioteca Regional de Medicina - BIREME
Utilização	3	MAGALHÃES, Marcio Gastão	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais - USIMINAS
Representação sistêmica de um serviço de informação técnico-científica	3	SOUZA, Altair Carvalho de	Comissão Nacional de Energia Nuclear - CNEN
Informação e documentação científica e usuário no Brasil	3	POBLACIÓN, Dinah Aguiar	Universidade de São Paulo - USP
Programa de informação tecnológica do IPT	3	ROCHA, Fernando Roberto de A.	Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT
Teleprocessamento a serviço de Sistemas de Informação	4	SOUZA, Flávio Pereira	Rio Datacentro - PucRJ
Ferramentas para implantação e utilização de banco de dados	4	SOUZA, Flávio Pereira	Rio Datacentro - PucRJ

Fonte: Anais da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação

Além dos 12 artigos selecionados, ainda foram analisadas as publicações da Escola de Biblioteconomia da FEFIEG e o Instituto de Pesquisas Rodoviárias (IPR). Ambos tratam de comunicados sobre a criação de novos departamentos, sendo o primeiro publicado no painel do tema 1 e o segundo publicado no painel do 4º tema.

6.1 OS ANAIS DE 1978

Em 1975, o IBBD realizou a 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação, reunindo aproximadamente 500 especialistas brasileiros e estrangeiros no Hotel Glória, no Rio de Janeiro. Bibliotecários, chefes de serviços de documentação, pesquisadores, engenheiros, professores e diretores de empresas, acompanharam os 6 dias, em 8 horas diárias de apresentações e discussões.

Segundo Carminda Nogueira de Castro Ferreira, em artigo publicado na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, em 1975, o objetivo do encontro era reunir técnicos e especialistas de todos os estados a fim de que pudessem dimensionar de maneira ampla e global os problemas que afetavam a área da informação no Brasil.

O tema central da Reunião foi “O desafio da informação científica e tecnológica”. Publicado em 1978 em 2 volumes pelo IBICT, os anais desse encontro tinham como objetivo ampliar o alcance da reunião tornando acessível a todos os interessados o conteúdo dos trabalhos apresentados, além de promover as experiências resultantes daquele encontro para a comunidade.

A Federação das Escolas Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIEG), apresenta o anteprojeto para reunião dos três departamentos da área de Documentação dentro de um Centro de Ciência da Informação, fundamentado nos processos de incorporação dos cursos do Arquivo Nacional e de Museologia do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. Contando com a Escola de Biblioteconomia e Documentação, seriam unidades congregadas. Para isso seria criada, por Resolução da FEFIEG, um Ciclo Básico reunindo as disciplinas constantes nos currículos mínimos de cada unidade, comuns às 3.

O Instituto de Pesquisas Rodoviárias (IPR), órgão do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), comunica a criação da Divisão de Informática Técnico-Científica e de um sistema de processamento de dados para recuperação, disseminação de resumos e pesquisas rodoviárias, organização de acervo específico e um manual visando o treinamento de pessoal para esses centros.

Como estudos sobre a área ainda eram muito recentes no Brasil, visto que se tratava de uma primeira reunião de seus profissionais, muitos autores se valeram de trabalhos de autores estrangeiros para realizar os seus estudos. Entre os autores mais citados estão Bradford, Saracevic, Le Coadic, Borko, Sandison, Price, Bush e Buckland.

Os artigos são, em sua maioria, originados de instituições localizadas no Rio de Janeiro, São Paulo e também Brasília por conta das sedes governamentais participantes. Entre as universidades federais temos a presença da Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE),

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Os demais estados presentes são Santa Catarina, Minas Gerais, Amazonas e Pará.

O IBBD e a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), lideram entre as instituições com maior número de publicações nos anais do evento. O CNPq contou com 3 artigos publicados por integrantes, mas diversas instituições vinculadas ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, tiveram grande participação. Entre elas destacam-se o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Instituto Nacional de Tecnologia (INT), Instituto de Energia Atômica (IEA) e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT).

Em seu primeiro encontro, a comunidade acadêmica homenageou Lydia de Queiroz Sambaquy, 1ª presidente do IBBD; Célia Ribeiro Zaher, diretora da Divisão para o Desenvolvimento da Documentação de Bibliotecas e Arquivos, da UNESCO e Tefko Saracevic, da *School of Library Science*, nos EUA.

A comissão responsável pela publicação dos anais originados dessa reunião era composta por Maria Beatriz Pontes de Carvalho, Mércia Maria Teles de Castro e José Cruz Medeiros. Estes foram publicados 3 anos após o encontro, em 1978.

A sessão de abertura contou com os discursos de José Pelúcio Ferreira, então vice-presidente do CNPq e Hagar Espanha Gomes, diretora do IBBD, órgão responsável pela sua realização.

Ambos deixam claro a importância que deveria ser conferida à informação científico-tecnológica e a preocupação com a questão de se determinar o modo como os subsistemas que estavam sendo estruturados deveriam ser usados. E principalmente, de que forma isso poderia ser útil ao processo de transferência de tecnologia para o país.

Como observado em tantos artigos e também nos discursos de abertura, o foco era o pesquisador, o bolsista, o técnico. De que forma eles poderiam se aproximar de processos e técnicas desenvolvidos no exterior e cujo conhecimento serviria aos interesses nacionais desenvolvidos nos planos de desenvolvimento estabelecidos para o Brasil? O sucesso do campo no país, dependia da troca de experiência em suas diferentes áreas de trabalho.

6.2 INFRA-ESTRUTURA

O tema 1 foi coordenado pelo Doutor Darcy Closs, diretor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES). Suas exposições e trabalhos trataram

de problemas de ensino e treinamento, aspectos políticos e econômicos da informação científica e tecnológica e ciência e informação.

Dentro da temática proposta, Paulo Dacorso Filho, assessor científico do CNPq, apresenta a segunda palestra do evento, intitulada “Política científica”. Seu objetivo foi ressaltar a importância dos planos de desenvolvimento, bem como do IBBD sendo este órgão capaz de assumir a responsabilidade da captação e divulgação dos dados da informação científica.

Dacorso Filho (1978), considerava que a política científica constituía importante elemento de uma Nação. Compreendia que não era o desenvolvimento econômico que gerava o programa científico e sim o contrário: “é o desenvolvimento científico e tecnológico que concorre para o desenvolvimento econômico” (DACORSO FILHO, 1978, p. 36-37)

Com a Segunda Guerra Mundial, o cientista deixa de ser um “trabalhador isolado” e desvinculado de programas do governo. Ele passa a trabalhar para a indústria com o objetivo de pesquisar e desenvolver novas armas. Somente após a 2ª Grande Guerra é que surge o que hoje chamamos de política de desenvolvimento econômico e social por intermédio da ciência, “não pela e nem para, mas por intermédio de”. (DACORSO FILHO, 1978, p. 40)

Não há em seu trabalho qualquer menção a outro autor ou estudo sobre o mesmo tema.

O segundo artigo escolhido para análise foi o de Hagar Espanha Gomes, pela sua importância no evento e na história da Ciência da Informação. Em “Problemas de recursos humanos”, a autora começa fazendo um levantamento desde a criação do IBBD e sua importância em relação às pesquisas científicas, até a conceituação do termo Ciência da Informação, para tanto, destacando a Conferência do *Georgia Institute of Technology*.

Após traçar uma linha temporal, Gomes (1978), entra em seu tema salientando que a definição do campo trouxe com ela o problema de recursos humanos, incluindo a necessidade de se dimensionar adequadamente os diferentes tipos de relacionamentos que coexistem entre os aspectos teóricos e práticos de qualquer ciência.

A interação entre ciência e prática profissional é bastante complexa, mas vital para o progresso de ambas as áreas. Igualmente vital é a existência de um processo de comunicação que permita o fluxo contínuo de ideias e pessoas em ambas as divisões – ciência/teoria e prática, uma vez que novas ideias podem originar-se [de] ambas as áreas. (GOMES, 1978, p. 49)

E é dentro dessas perspectivas entre teoria e prática que a autora apresenta o curso de Mestrado do IBBD e os seus benefícios. Para Gomes (1978), devido à sua posição privilegiada, poderiam ser utilizados os diversos serviços do Instituto como laboratórios de pesquisas, incluindo as diferentes experiências práticas e teóricas vividas por sua equipe. Com isso, se chegaria a um “amadurecimento profissional” necessário ao novo campo.

A conscientização do governo brasileiro em relação a importância da Documentação Científica e da Ciência da Informação, refletia em vários setores e principalmente no IBBD. “O curso está sendo reestruturado com o apoio do CNPq/CAPEs, a fim de cumprir de forma mais relevante e pertinente possível, sua função de implantar, desenvolver e disseminar a Ciência da Informação no país” (GOMES, 1978, p. 50)

Como na primeira análise aqui apresentada, Hagar Espanha Gomes, também não faz menção a nenhum outro autor e estudo.

6.2 ESTRUTURA

A exposição e trabalhos do tema referido, coordenado pela professora Hagar Espanha Gomes, discutiu as características da literatura científica e tecnológica e também a produção da informação formal e informal. Para análise, selecionamos 2 artigos: Revistas técnico-científicas de Medicina Veterinária no Brasil e Produção de literatura periódica numa instituição de ensino e pesquisa em Biologia. Com essa escolha, pretendemos analisar outros campos da ciência que, de alguma forma, contribuem para o estudo da Ciência da Informação. Não também por acaso, estes estudos foram selecionados e publicados nos anais da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação.

Jürgen Dübener e Jerome Langenegger, autores do primeiro artigo analisado referente ao tema “Estrutura”, eram pesquisadores da EMPRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. O trabalho de ambos consistia em tentar provar a importância das Revistas técnico-científicas e os resultados obtidos através de suas publicações. Para os autores, cada artigo publicado e os seus resultados, se tornariam uma contribuição ao conhecimento sobre o assunto. “O trabalho científico publicado é a peça central de qualquer esforço de comunicação em ciência” (DÜBEREINER; LANGENEGGER, 1978, p. 306)

A discussão central do texto é a publicação técnico-científica. A partir dela analisam a sua disponibilidade, importância, especialização, apresentação, continuidade e regularidade. Como objeto de estudo, se utilizaram das publicações da Revista de Medicina Veterinária no Brasil.

Devem-se envidar todos os esforços para servir à informação técnico-científica com auto-crítica, com o “propósito de conseguir o nível apropriado”, capaz de ultrapassar as fronteiras locais e regionais, necessário ao progresso da ciência no seu mais amplo sentido. (DÜBEREINER; LANGENEGGER, 1978, p. 306)

Porém, ao analisar 25 revistas que contém trabalhos com resultados da pesquisa veterinária, eles chegam a conclusão de que poucas obedecem aos princípios básicos de uma boa apresentação. Questionam o porquê da maioria não ter tido continuidade e o seu insucesso.

[...] a edição de uma revista científica não é a simples coleta e impressão de artigos recebidos para publicação, mas implica orientação do pesquisador e estímulo para que a pesquisa alcance melhores resultados, e para que estes resultados mais bem aproveitados, sejam transformados em verdadeira informação científica e cheguem através de uma distribuição eficiente, direta, às mãos de todos os interessados no assunto. DÜBEREINER; LANGENEGGER, 1978, p. 310).

Não fugindo muito do que foi analisado no primeiro artigo aqui proposto para o tema, o trabalho das pesquisadoras Maria Lucia Andrade Garcia, Maria Martha de Carvalho e Maria de Lourdes Borges de Carvalho, tem como objeto a literatura periódica produzida pelos professores em exercício (12/1973) no Instituto de Ciências Biológicas da UFMG.

As autoras analisaram algo entre 340 e 350 artigos, no período de 1968 e 1973, levando em consideração as seguintes variáveis: extensão, autoria, quantidade de documentos citados, língua e característica do período utilizado para a publicação.

Ao se observar a produção literária produzida pelas diferentes subáreas da Biologia e todos os problemas oriundos delas, segundo as autoras, se estendidas a outras áreas e instituições, podem fornecer uma base mais segura para a compilação de bibliografias regionais e nacionais no campo. E não somente em relação a área por elas estudada. Se bem analisadas essas produções, poderia ser fornecido um material mais completo, propiciando e facilitando a localização de autores e trabalhos para a confecção de bibliografias especializadas.

Neste artigo são mencionados os trabalhos de Bradford e Price.

6.3 ORGANIZAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, DISSEMINAÇÃO E UTILIZAÇÃO

O terceiro tema, coordenado pela Doutora Angela Pompeu, do Instituto de Tecnologia Alimentar de Campinas, discutia os centros e serviços de informação, bem como o seu usuário e os problemas enfrentados na área.

Tema com o maior número de trabalhos submetidos, dos 19 estudos foram selecionados 3 para discussão, além de mais 3 trabalhos apresentados no painel.

A seleção dos estudos apresentados vou em consideração o título do tema. Temos os estudos de Lydia de Queiroz Sambaquy sobre organização e administração, Carlos Gamboa e Luiza Maria Cepeda sobre disseminação e Marcio Gastão de Magalhaes, discutindo sobre utilização.

6.3.1 Organização e administração

Professora da Escola de Biblioteconomia e Documentação da FEFIEG, Lydia de Queiroz Sambaquy, inicia o seu artigo salientando que o aspecto mais importante da documentação e informação a época do encontro, era a sua forma sistêmica.

Vem sendo estabelecido – paulatinamente – como solução ideal para a consecução do domínio perfeito sobre o extraordinário volume de documentação técnica e científica disponível [...] a constituição de sistemas de informação e documentação, que sirvam como órgãos de polarização de esforços. (SAMBAQUY, 1978, p. 347)

O conceito central do seu texto é a organização de informações abrangendo áreas de especialização. Seu objetivo seria facilitar a obtenção de dados desejados, proporcionar eficiência nos trabalhos de informação e diminuir consideravelmente os custos dos serviços prestados. Para Sambaquy (1978), já naquela época, era impossível a realização de qualquer trabalho intelectual, sendo ele de pesquisa ou de estudo, sem a documentação adequada no momento oportuno.

A grande preocupação da autora era a falta de um órgão central de coordenação. Para a instalação de um programa era essencial que existisse uma rede de cooperação, certo grau de normalização de processos e programas que fossem automatizados.

Sambaquy (1978), menciona os trabalhos de Manoel Cícero Peregrino junto à Biblioteca Nacional e o de Luiz Simões Lopes, frente ao DASP e conclui defendendo o estabelecimento de um programa nacional para o desenvolvimento do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica, que garantisse a existência de uma rede nacional de cooperação e intercâmbio.

6.3.2 Disseminação

O segundo trabalho conta com a apresentação dos pesquisadores do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, também conhecido pelo seu nome original – Biblioteca Regional de Medicina (BIREME).

Carlos Gamboa e Luiza Maria Cepeda, apresentam o MEDLINE⁶, contando toda a sua história desde a Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (NLM) até a sua utilização no Brasil.

Os autores relatam que cada unidade registrada no sistema representa um artigo. Existem 39 elementos para cada citação bibliográfica. Esta nova experiência em serviços de

⁶ Sigla em inglês para Sistema online de busca e análise de literatura médica

pesquisa bibliográfica iniciada em junho de 1970, 5 anos antes da presente reunião, contou com a participação de 90 instituições médicas.

“A resposta para este novo serviço foi excelente e confirmou plenamente a viabilidade de uma rede on-line para todo o país” (GAMBOA; CEPEDA, 1978, p. 362). O Brasil já contava com algumas instituições investindo em sistemas de informação, e a BIREME era uma delas.

Como a maioria dos artigos do terceiro tema, este não faz menção a outros autores. Sua base é a introdução da história da NLM, apresentando assim o MEDLINE.

6.3.3 Utilização

Percebemos que o foco de quase todos os artigos é uma preocupação demasiada com a criação de sistemas de informações por especialistas capacitados, que contivessem o maior número de informação relevante possível. “Todo o esforço deve ser feito no sentido de aproximar os usuários da biblioteca especializada, de mostrar a eles como a biblioteca pode ajudá-los” (MAGALHÃES, 1978, p.392).

Para Magalhães (1978), autor da terceira exposição analisada, tudo deveria ser feito para atender com a rapidez necessária as pesquisas solicitadas. Para ele, todo serviço prestado, por qualquer sistema que fosse, deveria ter o seu planejamento totalmente voltado para “o usuário em potencial do serviço”. Magalhães (1978), deixa claro em diversas passagens do seu texto, que não adiantava se criar um sistema perfeito de informações, utilizando as técnicas mais sofisticadas do mundo em matéria de disseminação e processamento de dados, se esse sistema não estivesse fundamentado na sua posterior utilização.

Para que isso acontecesse, o foco era o estudo do usuário. Essa seria a parte mais importante de um planejamento. Como fonte de informação para o desenvolvimento desse projeto, ele cita a biblioteca da USIMINAS.

No desenvolvimento do seu artigo, ele cita várias vezes o trabalho desenvolvido por Lydia de Queiroz Sambaquy frente a criação de sistemas da informação. “[...] a melhor oportunidade de se instalar melhorias na empresa é durante o desenvolvimento dos projetos de expansão” (MAGALHÃES, 1978, p. 392)

Mais 3 artigos com a temática “Organização, administração, disseminação e utilização” foram analisados para compor esse trabalho. Altair Carvalho de Souza, do Centro de Informações Nucleares (CNEN) discute a grande produção de documentos técnico-científicos

e a necessidade da evolução de recursos para armazenamento dessas informações, a fim de que todo o trabalho produtivo não se torne “estéril” em razão da inacessibilidade dos documentos.

A sua grande preocupação era o tempo que se gastava na busca de uma informação e que isso poderia ser uma influência decisiva no êxito e custo de uma pesquisa. “A circulação das informações tem de ser rápida pois um dado só é útil quando fornecido na ocasião oportuna”. (SOUZA, 1978, p.444)

Para o autor, 3 aspectos tornavam o problema da informação técnico-científica bastante complexo: volume de dados, necessidade de circulação, rapidez de acesso. Segundo Souza (1978), a solução seria a criação de um Sistema de Informações Técnico-Científicas (STIC).

Este sistema seria composto por 5 componentes básicos: geração de informações, coleta, incorporação, distribuição e consumo. O autor ressalta a importância de se olhar o problema em conjunto, como um sistema complexo. Assim, a primeira coisa a ser feita seria definir os objetivos e prioridades, que para ele seria disseminar informações e permitir a busca retrospectiva.

O desafio da informação técnico-científica está lançado e não há como fugir à luta. É preciso enfrenta-lo e [...] criar condições para que não se desperdicem os esforços, tempo e dinheiro na formação de sistemas que não imprimam a contento a sua finalidade precípua: levar informação a quem precisar dela. (SOUZA, 1978, p. 455).

Neste artigo, não há citação a outros autores ou trabalhos. Também não foi possível identificar qual cargo Altair Carvalho de Souza desempenhava dentro do CNEN.

Credenciar o bibliotecário a estruturar um sistema de informação adequado aos seus usuários e avaliar quais as bibliotecas que realmente conhecem as necessidades de seu usuário, é a preocupação central do texto de Dinah Aguiar Población “Informação e documentação científica e usuário no Brasil”.

Para conhecer as necessidades dos usuários e manter um diálogo com especialistas é necessário ter um back-ground que permita interpretar as suas formulações e que garanta o sucesso no fornecimento da informação adequada [...] Estar familiarizado com o uso sistemático da terminologia, com a literatura especializada e com a literatura biblioteconômica e da ciência da informação, são requisitos fundamentais (POBLACIÓN, 1978, p. 458)

Além da importância do estudo do usuário, deve-se considerar quais as forças que influem no fluxo de informações e nos fornecem elementos que facilitem os vários aspectos de uma política, cujos objetivos possam trazer rendimento e prestígio aos usuários. A partir daí, segundo a autora, conseguir sucesso nas pesquisas, na obtenção das informações e documentação, através das redes de bibliotecas científicas do Brasil, visando uma utilização racional dos recursos bibliográficos, humanos e financeiros.

A autora cita as leis de Zipf⁷ e Bradford⁸ e a lei experimental negativa de obsolência, como fundamentais para o bibliotecário, salientando que aqueles que desconhecem tais estudos poderão ser induzidos a aceitar argumentos não-válidos e chegar a conclusões falsas, tomando atitudes cujas implicações poderão vir a ser calamitosas para a política científica da Instituição.

Além de Bradford e Zipf, a autora cita os trabalhos desenvolvidos por Sheera, Garfield, Seymour e Price. Dinah Aguiar Población era professora da Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1975.

O último artigo analisado relacionado ao tema “Programa da informação tecnológica do IPT”, tem autoria de Fernando Roberto de A. Rocha, pesquisador do Instituto.

Sua preocupação está em orientar as atividades para operação de um serviço de informações e capacitar uma equipe para esse tipo de serviço no Brasil. O conceito central do texto é a apresentação do programa de informação tecnológica usado pela Engenharia de Sistemas de Informações do Instituto de Pesquisas Tecnológicas.

Este programa, segundo Rocha (1978), foi conceituado através da execução de outros 5 subprogramas: aquisição, processamento, disseminação, formação de recursos humanos e capacitação técnica. Ele possibilita a operação de um serviço de informação constituídos de uma confederação de entidades articuladas em uma rede para cooperação recíproca e conjunta, mantendo a sua individualidade e vinculações próprias.

O foco do seu trabalho são os clientes do IPT (indústrias, entidades públicas e privadas, técnicos e pesquisadores). O problema para aplicação desse sistema, como salientado por Rocha (1978), se deve ao fato de que os meios tradicionais para o tratamento da informação se mostravam insuficientes para vencer a massa de informações técnicas que são geradas diariamente.

Seu trabalho também não faz menção a outros estudos e autores.

6.4 TECNOLOGIA

Grande parte dos artigos do último tema sobre Tecnologia, discutiram a problemática da falta de um sistema capaz de suprir as necessidades de armazenamento e busca de informação. Como já visto na introdução deste trabalho, é a partir da 2ª Grande Guerra que a informação passa a ser uma preocupação mundial e aqui não foi diferente. Com o avanço

⁷ Lei de dispersão de BRADFORD: tem como principal aplicação estimar o grau de relevância de periódicos em dada área do conhecimento.

⁸ A lei de Zipf possibilita relacionar a frequência de ocorrência de palavras em documentos científicos.

científico e tecnológico e em decorrência do aumento da produção científica, torna-se imprescindível a sua organização, acesso e disponibilização.

[A Ciência da Informação] busca investigar as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o seu fluxo e os meios para processá-la de forma a garantir seu acesso e uso (BORKO, 1968, p. 2)

A organização, coleção, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação são os aspectos mais discutidos e isso também perceberemos nos demais temas.

Flávio Pereira de Souza, então diretor executivo do Rio Datacentro da PUC do Rio de Janeiro, publicou dois artigos no evento e em ambos a sua preocupação era a utilização de um computador central que pudesse fazer a transmissão de dados em meios automáticos de arquivamento e indexação de documentos. Esse computador central seria então acoplado a mini-computadores que teriam a função de busca e acesso à informação feita diretamente pelo usuário.

Esses terminais estariam ligados ao equipamento central através de canais de telecomunicações: a linha telefônica. Para o autor, todo o grande problema no atraso tecnológico em relação a criação e implementação desses sistemas, era o precário meio de telecomunicação brasileiro.

A distribuição no mundo computacional é e será feita através da telecomunicação, enviaremos dados e nos comunicaremos com os computadores usando fundamentalmente as mesmas linhas telefônicas que usamos para comunicação verbal (SOUZA, 1978, p. 761)

A dificuldade estava na péssima rede telefônica que não prestava os serviços então necessários para se pensar em teleprocessamento como uma coisa do dia a dia. Para Souza (1978), quando solucionado esse problema, a informação poderia ser provida ao usuário em qualquer lugar que ele estivesse, de maneira barata e eficiente.

Flávio Pereira de Souza, em segundo artigo apresentado para o mesmo tema, em co-autoria com Alfredo Veiga de Carvalho e Willian Carlyle Koelsch, ambos coordenadores de projetos do Rio Datacentro da PUC/RJ, “Ferramentas para implantação e utilização de banco de dados”, Souza (1978), apresenta o desenvolvimento de um sistema convencional de pesquisas a periódicos. Sua preocupação era o usuário que precisava pesquisar elementos nesse tipo de publicação, para elaborar trabalhos.

O que acontece na maioria das vezes, é que o interessado mediante o seu conhecimento, perfaz uma busca manual sobre toda a coleção, varrendo índices, folheando artigos. O processo manual chega ao ponto de se tornar impraticável devido ao grande número de artigos contidos em revistas e ao aumento gradativo da produção literária. (SOUZA; CARVALHO; KOELSH, 1978, p. 892)

O tempo desperdiçado na procura manual pelos usuários, segundo os autores, acaba sendo maior do que o tempo que gastam se dedicando a execução do trabalho. A solução por eles apresentada, seria um sistema orientado para recuperação via terminal de referências bibliográficas de grandes coleções de periódicos. Esse sistema, proporcionaria condições para que o usuário pudesse obter a coleção de artigos de seu interesse, através de interações com o sistema.

Apesar de não citarem nenhum autor durante o desenvolvimento do trabalho, apresentam referências bibliográficas antes de apresentarem o Sistema.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao voltarmos a 1954, ano da criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e traçarmos uma linha com as principais mudanças alcançadas pela Biblioteconomia, perceberemos que caminhamos bem devagar, mas progressivamente.

Ao ser criado, o IBBD representou um rompimento ainda mais radical em relação às práticas biblioteconômicas, documentais e informacionais antes adotadas no Brasil. Entendemos por ‘práticas biblioteconômicas, documentais e informacionais’, de modo abrangente, os serviços de toda natureza que eram prestados a usuários em estabelecimentos dedicados à organização de registros bibliográficos. Nas primeiras décadas do século XX, as bibliotecas não eram só os melhores símbolos desse universo de práticas: elas o encarnavam com exclusividade, pois fora de seu ambiente não havia locais onde fosse possível obter serviços de informação. Nos anos seguintes as bibliotecas começaram a se fazer mais presentes: nas cidades, nas universidades, nos órgãos públicos.

Com a transformação do IBBD para IBCT, e a mudança do seu foco, vimos que o país clamava por um órgão que fosse capaz de muito mais do que captar e disseminar a informação. Áreas que eram consideradas como “ilhas independentes” e praticamente incomunicáveis passaram a se beneficiar de um arcabouço teórico cada vez mais forte.

O ensino da Biblioteconomia no Brasil, desde a sua criação até o início dos anos 1990, era carente de rumos que pudessem orientá-lo para atender aos interesses do país, e isso se refletia no posicionamento das universidades e profissionais. Foi através do discurso originado a partir de um grupo de trabalho da Federação Internacional de Documentação – FID, que se passou a qualificar a figura do “moderno profissional da informação”.

Tal discurso, segundo Souza (2009), focado na gestão da informação, era direcionado à informação científica e técnica e reforçava a ideia de que a Escola de Biblioteconomia deveria se preocupar em formar profissionais modernos, eficientes e competentes.

Apesar de grandes dificuldades para o ensino da Biblioteconomia desde o surgimento deste, no ano de 1999, o país já contava com 32 cursos em funcionamento, 8 programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e 12 periódicos na área. Até o final da década de 90, foram realizados 3 CBBDs, 10 ENEBDs e era criado o Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, o ENANCIB, como espaço para debates das questões de pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia existentes no país.

O ENANCIB, traduz a postura que os cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação tomaram. Ele autoproclamava a área como a “vertente pela qual se daria a

modernização das estruturas de prestação de serviço de informação” (SOUZA, 2009, p. 148), atendendo aos inadiáveis interesses do setor de Ciência, Tecnologia e Inovação. Os mestrados mudam os seus objetivos e as avaliações destes pela CAPES, passam a predominar e a exercer uma pressão muito forte pela implantação de doutorados.

Através da análise dos acontecimentos passados no século XX no ensino da Biblioteconomia no Brasil e principalmente na sua capacidade de se manter viva, conclui-se que os profissionais da informação precisam ter a agilidade necessária para se reestruturar sem perda de tempo em relação às questões secundárias.

Um pesquisador precisa estar constantemente atualizado em relação aos avanços de sua área, inteirando-se do que os demais cientistas estão falando, fazendo, mostrando que ele próprio anda produzindo, garantindo prioridades em suas descobertas.

Ao escolhermos os anais da primeira Reunião Brasileira de Ciência da Informação, tínhamos consciência da importância desses repertórios, uma vez que eles indicam caminhos para se encontrar fontes de determinada área do conhecimento, para pesquisadores, cientistas, professores e alunos.

Os artigos publicados nos dois volumes resultantes desse encontro, refletem as preocupações de uma sociedade nascente, que tinha como objetivo principal a criação de sistemas que pudessem facilitar a vida de usuários em todo país, através de redes corporativas. Revelam uma necessidade urgente de se progredir tecnologicamente para que os conhecimentos produzidos não se perdessem.

A identificação de anais resultantes de encontros científicos ainda é um pouco complicada no país, já que não existem instrumentos de divulgação sistemática. Nos EUA, por exemplo, o *Institute for Scientific Information (ISI)*, indexa cerca de 5 mil anais por ano, enquanto no Brasil usam-se os calendários dos eventos como fonte de identificação, e embora não se tenha garantia de que o evento tenha gerado anais, o interessado deverá consultar a entidade organizadora para confirmar a existência de publicações.

Segundo Campello (2000), o Catálogo Coletivo de Anais de Eventos, publicado desde 1983 pelo Centro de Informações Nucleares da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNIN/CNEN) é outra fonte alternativa para a identificação de anais em eventos brasileiros, embora a sua principal função seja localiza-los em bibliotecas brasileiras. Um trabalho corporativo que envolve a participação de 185 bibliotecas, podendo ser acessado pela internet.

Vimos que é grande a importância dos anais para a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, uma vez que essas áreas estão em franca expansão com o aumento de vagas e a criação de novos cursos pelo país.

Concluimos ao realizar essa pesquisa, que o que foi apresentado nos primeiros eventos da área, contribuiu para a produção do conhecimento biblioteconômico. A avaliação positiva dessas publicações, autenticam a história, promovendo a recuperação do conhecimento gerado em cada época e o seu valor na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANNAES da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, v. 1. Rio de Janeiro, 1876.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. **Quem é quem na biblioteconomia e documentação no Brasil**. Rio de Janeiro: IBBD, 1971.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Bibliografia Brasileira de Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 1984.
- CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Margarite. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- CASTRO, Cesar. **A história da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.
- CUNHA, Murilo Bastos da. IBICT: 51 anos. In: **Ciência da Informação**., Brasília, v. 34, n.1, p. 7-8, jan./abr. 2005.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008.
- DACORSO FILHO, Paulo. **Política científica**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 35-46.
- FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Brasília: Tempo Brasileiro, 1979. 118 p.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2007. 152 p.
- FIGUEIREDO, Nice. **O ensino da biblioteconomia no Brasil: relatório de pesquisa sobre o status quo das escolas de biblioteconomia, com ênfase na situação do pessoal docente**. Brasília: CAPES, 1978.
- GARCIA, Maria Lucia; CARVALHO, Maria Martha; CARVALHO, Maria de Lourdes. Produção de literatura periódica numa instituição de ensino e pesquisa em Biologia. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 329-342.
- GAMBOA, Carlos A.; CEPEDA, Luiza Maria. Disseminação. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 361-388
- GOMES, Hagar Espanha. Problemas de recursos humanos. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 47-50.
- INSTITUTO Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Portal do Livro Aberto. Disponível em: < <http://livroaberto.ibict.br/> > Acesso em: 10 nov. 2016.
- JÜRGEN, Dübereiner; LANGENEGGER, Jerome. Revistas técnico-científicas de medicina veterinária no Brasil. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 47-50.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

- LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. Planejamento e coordenação da informação científica no Brasil. **Ciência da Informação**. Brasília, 15 (2): 107-15, jul./dez. 1986
- MAGALHÃES, Marcio Gastão. Utilização. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 389-395.
- ODDONE, Nanci Elizabeth. **Atividade editorial em ciência da informação: convergência epistemológica**. Salvador, 1998. 266 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília, 1998.
- POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Informação e documentação científica e usuário no Brasil. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 457-463.
- REIS, Alcenir Soares dos. **A história da pós-graduação em biblioteconomia no Brasil: a interação texto/contexto**. Belo Horizonte: UFMG/EB, 1990. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.
- REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. 986 p.
- ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus Editora, 2003. 245 p.
- ROCHA, Fernando Roberto de A. Programa de informação tecnológica do IPT. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 467-79.
- SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. **Bibliotecas especializadas brasileiras: guia para intercâmbio bibliográfico**. Brasília: CNPq, 1962.
- SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Organização e administração. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 348-360.
- SARACEVIC, T. Information, Science: origin, evolution and relations. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.1, n.1, 1996. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/16970>>. Acesso em: 01 dez. 2016.
- SOUZA, Altair Carvalho de. Representação sistêmica de um serviço de informação técnico-científica. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 443-455.
- SOUZA, Flávio Pereira. Ferramentas para implantação e utilização de banco de dados.. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 891-923.
- SOUZA, Flávio Pereira. Teleprocessamento a serviço de sistemas de informação. REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, 1975. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, 1978. p. 755-760.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro: o século XX**. Santa Catarina: UFSC, 2009. 116 p.
- TARAPANOFF, K.; SANTIAGO, S.H.L.; CORRÊA, D.A. Características e tendências do profissional da informação. In: **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21 (3/4), jul./dez. 1998, p. 60-84

TOUTAIN, Lidia Maria Batista Brandão. **Para entender a ciência da informação.** Salvador: EDUFBA, 2012.

ZAHER, Celia Ribeiro. **Introdução à documentação.** Rio de Janeiro, 1968.

APÊNDICE A - Relação de autores e suas publicações nos anais de 1975

Autores	Quantidade de publicações
Alexis Stepanenko, Editora Latino-América	1
Alfredo Marques, CBPF	2
Alfredo Veiga de Carvalho, PUC-RJ	1
Aline da Rin Paranhos de Azevedo, SUDAM	1
Altair Carvalho de Souza, CNEN	3
Ana Flavia Pereira Medeiros da Fonseca, IBBD	2
Anna da Soledade Vieira, UFMG	1
Arry Carlos Buss Filho, INPE	1
Bento Afonso dos Santos, IBBD	1
Berenice Persiva, Usiminas	2
Carlos A. Gamboa, BIREME	1
Carmem Silva Guedes Aragão, REBAM	1
Carminda Nogueira de Castro Ferreira, CENAFOR	1
Celina Ippolito, CET	1
Cíbar Cárceres, IEA	1
Cléa Dubex Pinto Pimentel, UFPE	1
Dinah Aguiar Población, USP	1
Eduardo Perceverano Peres Nogueira, UFSM	1
Elvia de Andrade Oliveira, IBBD	1
Escola de Biblioteconomia e Documentação, FEFIEG	1
Etelvina Lima, UFMG	1
Fernando Roberto de A. Rocha, IPT	1
Flávio Pereira de Souza, PUC-RJ	2
George E. Freund, IPT	1
Gilda Maria Braga, IBBD	2
Guilherme Chagas Rodrigues, UFRJ	1
Hagar Espanha Gomes	1
Helena Medeiros Braga, IBBD	1
Ida Maria Cardoso, IBBD	2
Ilse Dümpel Cesar, IBBD	1
Instituto de Pesquisas Rodoviárias, IPR	1
Isaura de Souza, IBBD	1
Jaime Robredo, Projeto PNUD/FAO	1
Jerome Langenegger, EMPRAPA	1
Jerusa Gonçalves de Araújo, IPT	1
João Salvador Furtado, CET	1
John Franklin Arce, CONSIST	1
José Alberto dos Reis Parise, IBBD	1
José Augusto Alves Bernacchi, CNEN	1

José Pedro Pinto Esposel, AAB	1
Jürgen Röbbereiner, EMPRAPA	1
Laís Ribeiro, UFRJ	1
Laura Maria de Figueiredo, IBBD	1
Léa Maria Monteiro Diniz, REBAM	1
Lena Vania Ribeiro Pinheiro, REBAM	1
Leyla Castello Branco Rangel, Senado Federal	1
Luiz Carlos de Oliveira, Usiminas	1
Luiz Eduardo Güttler, IBBD	1
Luiz Eduardo Nóbrega Loureiro, IBBD	1
Luiza Maria R. Cepeda, BIREME	1
Lydia de Queiroz Sambaquy, FEFIEG	1
Lylian G. De Vasconcellos, Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo	1
Márcio Gastão de Magalhães, Usiminas	1
Márcio Nogueira Barbosa, INPE	1
Maria de Lourdes Borges de Carvalho, UFMG	1
Maria Helena Antoniassi, CET	1
Maria Helena Nicoletti Gumieiro, Unicamp	1
Maria Ignez Azambuja de Lemos, IBBD	1
Maria Lectícia de Andrade Lima, UFPE	1
Maria Lucia Andrade Garcia, UFMG	1
Maria Martha de Carvalho, UFMG	1
Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira, REBAM	1
Maria Regine Pontes Agune, CET	1
Mário da Cunha, ABI	1
Mario Riggato, CNPq	1
Mário Vianna Dias, UFF	2
Mariza da Silva Santos, IPT	1
Mauro Moraes Queiroz, INPE	1
Michail Lermontore, COBRA	1
Mitiko Horigoshi, SEICT	1
Niza Silva Jardim, IPT	1
Nylma Thereza de Salles Velloso Amarante, Ministério da Fazenda	1
Paulo A. Lobo, Projeto PNUD/FAO	1
Paulo Dacorso Filho, CNPq	2
Raulino Carvalho de Oliveira, SUCESU	1
Reni Tereza da Fonseca Santos, REBAM	1
Ricardo Adolfo de Campos Saur, CAPRE	1
Rosa Maria de Paiva Mello, REBAM	1
Rosalvi Maria Teófilo Monteagudo, Instituto Florestal de São Paulo	2
Selma Chi Barreiro, CNEN	2

Selma Lúcia Ataíde de Campos, REBAM	1
Tânia Maranhão Botelho, SERPRO	1
Terezine Arantes Ferraz, IEA	2
Vania Maria Hermes de Araújo, INT	1
William Carlyle Koelsch, PUC-RJ	1
Yone S. Chastinet, Projeto PNUD/FAO	1

APENDICE B - Relação de Instituições presentes em publicações nos anais de 1975

Instituição	Localidade	Quantidade artigos publicados
AAB	Rio de Janeiro / RJ	1
ABI	São Paulo / SP	1
BIREME	São Paulo / SP	1
CAPRE	Brasília / DF	1
CBPF	Rio de Janeiro / RJ	2
CENAFOR	São Paulo / SP	1
CET	São Paulo / SP	1
CNEN	Rio de Janeiro / RJ	5
CNPq	Brasília / DF	3
COBRA	Rio de Janeiro / RJ	1
CONSIST	São Paulo / SP	1
ED. Latino-América	Florianópolis	1
EMPRAPA	Brasília / DF	1
FEFIEG	Rio de Janeiro / RJ	2
IBBD	Rio de Janeiro / RJ	6
IEA	São Paulo / SP	3
IME	Rio de Janeiro / RJ	2
INPE	São José dos Campos / SP	1
Instituto Florestal de São Paulo	São Paulo / SP	2
INT	Rio de Janeiro / RJ	1
IPR	Brasília / DF	1
IPT	São Paulo / SP	5
Ministério da Fazenda	Brasília / DF	1
PNUD / FAO	São Paulo / SP	1
PUC	Rio de Janeiro / RJ	2
REBAM	Manaus / AM	3
Secretaria de Saúde de São Paulo	São Paulo / SP	1
Senado Federal	Brasília / DF	1
SERPRO	Brasília / DF	1
SUCESU	Rio de Janeiro, RJ / Brasília, DF	1
SUDAM	Belém / PA	1
UFF	Niterói / RJ	2
UFMG	Minas Gerais / MG	2
UFPE	Recife / PE	2
UFRJ	Rio de Janeiro / RJ	2

UFSM	Santa Maria / RS	1
UNICAMP	Campinas / SP	1
Usiminas	Minas Gerais / MG	3
USP	São Paulo / SP	2

